

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES**

**A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA NO CÁRCERE:
O caso do Centro de Reeducação Feminino Maria Júlia Maranhão
em João Pessoa - PB**

ANAIZE ANÁLIA DE OLIVEIRA

**JOÃO PESSOA – PB
2012**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES**

ANAIZE ANÁLIA DE OLIVEIRA

**A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA NO CÁRCERE:
O caso do Centro de Reeducação Feminino Maria Júlia Maranhão
em João Pessoa - PB**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências das Religiões, na linha de pesquisa Religião, Cultura e Produções Simbólicas, sob a orientação da Professora Dra. Flávia Ferreira Pires.

**JOÃO PESSOA – PB
2012**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES**

**A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA NO CÁRCERE:
O caso do Centro de Reeducação Feminino Maria Júlia Maranhão
em João Pessoa - PB**

ANAIZE ANÁLIA DE OLIVEIRA

Dissertação apresentada à banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

**Prof^a. Dr^a. Flávia Ferreira Pires - UFPB
Orientadora**

**Prof^a. Dr^a. Patrícia Goldfarb - UFPB
Membro interno**

**Prof^a. Dr^a. Roberta Bivar Carneiro Campos - UFPE
Membro Externo**

DEDICATÓRIA

Ao meu pai Téofano (in memorian) e minha mãe Sebastiana que alicerçaram minha vida para que eu chegasse a viver este momento.

Às detentas, interlocutoras desta pesquisa, pela presteza e disponibilidade e pelos exemplos de vida a mim ensinados.

Tua caminhada ainda não terminou...
A realidade te acolhe
Dizendo que pela frente
O horizonte da vida necessita
De tuas palavras
E do teu silêncio.
(...)
Não faças do amanhã
O sinônimo de nunca,
Nem o ontem te seja o mesmo
Que nunca mais.
Teus passos ficaram.
Olhes para trás...
Mas vá em frente
Pois há muitos que precisam
Que chegues para poderem seguir-te.

Charles Chaplin

AGRADECIMENTOS

Neste momento tão especial de minha vida passa-se um filme em minha mente, onde os protagonistas participaram ativamente de sua construção. Palavra nenhuma será capaz de expressar com exatidão a gratidão que invade minha alma nesse momento e a todos que direta ou indiretamente estiveram comigo nesse período, meu muito obrigado.

À Deus, ser maior e supremo que ilumina e dirige meus passos.

À minha família, em especial aos meus pais Téofano (*in memorian*) e Sebastiana. Meu pai analfabeto, sempre se orgulhou de ter uma filha “*letrada*” e debruçado numa enxada de sol a sol, empregou cada gota de seu suor em suas filhas, para que elas pudessem estudar. Minha mãe, mulher guerreira, de poucas letras também, esforçou-se para ver esse sonho realizado, deixando muitas vezes de viver sua vida e seus sonhos para proporcionar a nós o alimento, as vestimentas, a educação formal. Nesse contexto, cito também minhas tias Alzira (Tiate, *in memorian*) e Maria (Baía), que abdicaram de suas vidas pessoais e junto com meus pais participaram efetivamente de minha vida.

À minha irmã, Ataíze e minhas sobrinhas filhas Thanyze e Maria Luíza que jamais pouparam esforços para colocar em meus lábios muitos sorrisos.

À minha querida e amada orientadora Flávia Ferreira Pires, que conheci após o ingresso no mestrado, e que com tanta dedicação e coerência me orientou nos passos a serem dados. Seu exemplo me seguirá por todos os dias.

Às professoras que compuseram a banca da qualificação e da defesa Patrícia Goldfarb, Maristela Andrade, Mônica Franch e Roberta Bivar.

À professora Dilaine Sampaio, que me incentivou a fazer a seleção do mestrado e ajudou-me na correção dos primeiros passos do projeto.

Às pessoas que trabalham comigo e que são muitas para citá-las, na Escola João Fernandes de Lima e na Escola Analice Caldas, que se revezavam para que eu pudesse sair em busca desse objetivo, que me encontravam nos corredores e se preocupavam com o andamento da pesquisa, que simplesmente me abraçavam nas horas em que eu achei que não ia dar certo.

Às minhas amigas irmãs Jaqueline e seu esposo Josemar, Simonne e Adriana que entendiam minha ausência e até minhas irritações, mas que nunca me deixaram só.

À “*faixa de gaza*” e seus suplentes, apelido carinhosamente atribuído ao grupo da graduação em Ciências das Religiões, que todas as noites me proporcionava idéias, novos sorrisos e novas experiências. Em especial, à Silvana e sua mãe Marinete que me acompanhou

em alguns momentos da pesquisa cuidando de minha alimentação e bem-estar e no final da pesquisa cedeu-me sua casa para que eu pudesse me refugiar nas últimas linhas que faltavam escrever.

Às detentas, interlocutoras desta pesquisa, meu muito obrigada.

A administração do Centro de Reeducação Feminina Maria Júlia Maranhão que disponibilizaram informações e auxiliaram no que foi preciso durante a realização da pesquisa.

Aos meus amigos da turma de mestrado T5, em especial à Wendell Rodrigues, Ricardo Fabião e sua esposa Danielle Grisi, José Honório e aos alunos especiais Harry Carvalho e Silvana Chaves, que foram além de colegas de turma, foram e são amigos.

Aos demais amigos, anjos protetores, que sempre estavam prontos a atenderem meus pedidos, ouvirem minhas inquietações e acompanharem-me nas aventuras da vida.

Ao meu amor, Genildo, anjo protetor que se apresentou no final de minha pesquisa e que foi responsável pelos sorrisos e pensamentos positivos para sua conclusão.

A todos que torceram, elevaram seus pensamentos, fizeram preces para que esse momento fosse possível, eu só tenho a dizer: Muito Obrigada!

RESUMO

Este trabalho é fruto da conclusão da pesquisa de campo realizada no Centro de Reeducação Feminina Maria Júlia Maranhão, um presídio destinado ao confinamento de mulheres infratoras, situado na cidade de João Pessoa-PB. Trata da compreensão da experiência religiosa vivida por prisioneiras e tem como objetivo principal analisar o campo religioso prisional feminino. Durante a pesquisa pudemos observar que grupos religiosos se revezam aos sábados para possibilitarem que a palavra de Deus seja pregada mesmo no confinamento. De caráter socioantropológico, a pesquisa buscou observar e ouvir as detentas quanto as suas atitudes diante da religião, as prováveis mudanças comportamentais atribuídas à fé em Deus e a religião e suas expectativas de vida pós-prisão. Nesse contexto, buscamos conduzir o texto que traz em suas considerações a caracterização do sistema penitenciário brasileiro e paraibano, a situação das mulheres encarceradas e as possibilidades de reabilitação que o cárcere oferece, bem como, relatos de experiências religiosas de mulheres que se veem transformadas pela fé que lhes foi apresentada dentro da prisão.

Palavras-chave: Mulheres. Cárcere. Religião.

ABSTRACT

This work is the result of the completion of field research at the Center for Women's Reeducation Maria Julia Maranhão, a prison for the confinement of women offenders, located in the city of João Pessoa. This understanding of religious experience lived by prisoners and aims at analyzing the religious women's prison. During the research we found that religious groups take turns on Saturdays to allow them the word of God is preached even in confinement. Socio-anthropological character, the survey sought to observe and listen to the inmates about their attitudes toward religion, the likely behavioral changes attributed to faith in God and religion and their expectations of life after prison. In this context, we conduct that brings the text in its considerations to characterize the Brazilian penitentiary system and Paraíba, the situation of women prisoners and the possibilities of the prison offers rehabilitation, as well as reports of religious experiences of women who find themselves transformed by faith presented to them in prison.

Keywords: Women. Jail. Religion.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
 CAPÍTULO 1 - CARACTERIZAÇÃO DO SISTEMA PENITENCIÁRIO BRASILEIRO E PARAIBANO – Muros sempre mais altos.....	 19
1.1 A situação das mulheres encarceradas.....	24
1.2 As mulheres encarceradas no contexto e realidade paraibanos – O caso do Centro de Reeducação Feminino Maria Júlia Maranhão.....	27
 CAPÍTULO 2 - A ALEGRIA DO SÁBADO: O DIA DA VISITA DO SENHOR.....	 33
2.1 A religião no cárcere	33
2.2 Os grupos religiosos que atuam no cárcere e suas formas de organização.	35
2.1.1 Grupo evangelístico da Igreja Assembleia de Deus (Tradicional).....	37
2.1.2 Grupo Neopentecostal da Igreja Universal do Reino de Deus.....	39
2.1.3 Grupo evangelístico Interdenominacional.....	40
2.1.4 Grupo religioso Católico.....	40
2.1.5 Grupo evangelístico da Assembleia de Deus (Madureira).....	41
2.3 Outras funções da religião no presídio.....	42
2.4 A religião como luz no fim do túnel.....	45
 CAPÍTULO 3 - A VIDA RELIGIOSA DAS ENCARCERADAS.....	 49
3.1 Seguindo os passos do cristianismo – Mulheres transformadas pela fé.....	49

3.2 Sobre as demais mulheres	53
3.3 Quebrando o estigma de marginal.....	57
3.4 O que fazer com a tão sonhada liberdade?.....	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
REFERÊNCIAS.....	65
ANEXOS.....	68

INTRODUÇÃO

A paixão pelo tema

O interesse pelos grupos excluídos sempre esteve intrínseco no meu cotidiano e o estudo deles me fascinava e impulsionava. Quando ultrapassei os muros da universidade pela primeira vez para cursar Pedagogia, já levava comigo o desejo de pesquisar sobre gênero e discriminação social, mas a ideia de ir até o presídio só veio semestres depois, no momento em que eu procurava um tema novo para construir a monografia.

Inicialmente causou-me medo, o tema era oportuno para o que eu queria, mas em mim refletiam-se os mesmos preconceitos de uma sociedade que vê nos apenados apenas criminosos de alta periculosidade, ameaçadores da segurança e ordem, que a qualquer momento podem rebelar-se tomando como reféns aqueles que ousaram adentrar o seu espaço. “A imagem estereotipada do prisioneiro é a do bandido, do criminoso, do vagabundo. Portanto, uma imagem complexa e densa, caleidoscópica, dotada de mil e uma faces” (PONCIANO, 2007, p.174). Como eu poderia pesquisar um tema se estava carregada de preconceitos?

Mas a relevância da pesquisa e minha vontade de levá-la a cabo fizeram com que eu me despisse dos meus pré-julgamentos e enfrentasse não só esse, mas os vários outros “obstáculos epistemológicos” (Bachelard, [1938] 1996, p.11-12). O grupo ao qual eu pretendia pesquisar constituía um rico campo etnográfico, mas de difícil acesso e ainda pouco investigado sendo esse também mais um obstáculo imposto para sua realização. A escolha do orientador foi outro desafio, muitos professores aos quais apresentei o tema responderam que era um assunto instigante, mas que não poderiam me orientar porque não possuíam domínio na área. Até que consegui um orientador e pude dar continuidade a minha pesquisa: “A educação na prisão: ser mulher... e presidiária... um duplo preconceito”, sendo defendida em novembro de 2006, na Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação do professor Dr. Antônio Carlos Ferreira Pinheiro, e para fundamentá-la passei três meses indo diariamente ao presídio feminino Maria Júlia Maranhão e lá me deparei com depoimentos que arrepiaram minha alma e um deles ainda posso transcrevê-lo:

Quando eu cheguei aqui eu não sabia nada da vida, tinha me envolvido com gente errada e acabei me ferrando, mas Deus sabe o que faz por que ele tinha marcado um encontro comigo aqui e hoje eu conheci Jesus e sou uma nova pessoa. Quando eu sair daqui quero dar meu testemunho a todas as pessoas. Quero levar uma foto pra provar que eu tive presa por 12 anos... (Cláudia¹, 38 anos)

Ouvir aquilo me fez relembrar de um trabalho evangelístico que eu havia realizado em minha adolescência. Todos os domingos, juntamente com outras pessoas, íamos à cadeia pública de Bayeux, no estado da Paraíba, na tentativa de levar conforto espiritual para os detentos. Naquela época eu não imaginava a importância desse ato, porém ao ouvir esse depoimento acabei percebendo que a religião poderia desempenhar um papel importante tocando questões de cidadania e inclusão. Isso ficou guardado em mim, e o desejo de aprofundar-me nessa temática invadia a alma.

O despertar para a pós-graduação

Em 2010, me propus a voltar aos bancos universitários para fazer outra graduação, agora em Ciências das Religiões para aprofundar meus conhecimentos na área e poder fundamentar minhas pesquisas. Ainda durante o primeiro semestre presenciei e participei de vários embates envolvendo diversas temáticas, entre elas os conceitos sobre o termo religião, cujas variações ocorrem de acordo com o tempo, a cultura, o contexto que foi aplicado. Klaus Hock (2010) assim nos apresenta:

O próprio termo “religião” não é usado de modo uniforme, e até sua derivação terminológica é disputada. Basicamente, a palavra latina *religio*, à qual remonta, descreve a “atuação com consideração” ou a “observância cuidadosa”(...). Cícero (106-43 a.C.), em seu tratado *De natura deorum* (sobre a natureza dos deuses) define *religio* como *cultus deorum*, ou seja “culto aos deuses”(...). Lactânio, (...) porém indica um outro significado: ele deriva *religio* de *religare* – ligar (amarrar), ligar de novo, ligar de volta, levar de volta. Recentemente foi proposta uma terceira variante: derivar *religio* de *Rem ligare*, “amarrar a coisa”, no sentido de “descansar das inquietudes”. O debate sobre a derivação do termo *religio* mostra que a definição do termo não é possível nos moldes de uma definição objetiva “dada”, mas permanece vinculada a um contexto histórico-cultural específico (HOCK, 2010, p.17-18).

¹ Todos os nomes dos interlocutores utilizados nesse trabalho são fictícios.

O sentido epistemológico do termo ainda está longe de ser uma definição uníssona e consensual, no entanto os efeitos exercidos pela “religião” na vida das pessoas que a vivem e a praticam cotidianamente são notáveis e tem ganhado espaço acadêmico para estudos mais aprofundados.

Nesse ínterim, me propus à seleção ao Mestrado na área, justamente para verificar esses efeitos causados pela religião na vida das encarceradas entendendo que a crença, a fé e a devoção têm transformado a vida de muitas pessoas, entre essas, as encarceradas, objeto de minha pesquisa. Ressalto aqui que este trabalho, apesar de trabalhar com mulheres encarceradas, não está voltado às discussões sobre a temática de gênero, mas sim dialogar e refletir sobre o papel exercido pela religião no cárcere. Com a aprovação, encontrei motivação e subsídios para realização da mesma.

Nesse trabalho não cabe discutir o que a religião é, mas o que ela faz, o que ela causa e algumas das funções que cumpre na condição humana. A esses questionamentos procurarei as respostas no campo ao qual me proponho, entendendo que a religião não é apenas um termo passível de discussão quanto ao seu conceito, ela é, sobretudo “uma realidade social, um processo de comunicação específico que cria realidade e ganha forma real através de atos sociais” (HOCK, 2010, p.30).

Enfrentei os muros prisionais no mês de maio de 2011, especificamente no final de semana destinado a comemoração do dia das mães. Neste dia observei uma enorme fila de mães, filhas e filhos a espera da liberação para visita. Cada um deles possuía uma sacola nas mãos com alguns produtos que seriam destinados às detentas, a maioria deles era alimento. Lembro-me de uma mãe que estava nesta fila com um mantimento com feijão verde (que pelo avançar da hora já estava frio) e uma latinha de carne em conserva. Sorrindo, essa mãe disse que naquele dia a sua filha teria um almoço digno.

Outro fato marcante no dia foi observar uma menina de aproximadamente cinco anos de idade que portava em suas mãos uma flor de papel e alegremente dizia em alto e bom tom que era o presente de sua mãe. Sentimentos mistos de piedade, amor e solidariedade se confundiam.

Neste dia eu havia levado para as detentas bombons de chocolate com uma mensagem sobre as mães. A entrada de chocolates era proibida no presídio sob a alegação que o mesmo poderia ter sido derretido para se colocar drogas ou outros produtos tóxicos. Consegui a liberação para entrar e entregar a cada uma delas um bombom que serviu como uma primeira ponte entre minhas interlocutoras e eu, no meu campo de observação.

As experiências vivenciadas a partir daquela data nortearam a pesquisa que continuou no decorrer dos meses e se prolongou até o mês de dezembro do mesmo ano, perfazendo um total de sete meses.

Metodologia e pergunta central da pesquisa

Diante dos fatos e viabilizando a pesquisa, as discussões e observações aqui propostas são baseadas no trabalho de campo realizado no Centro de Reeducação Feminino Maria Júlia Maranhão, situada na Rua Benvenuto Gonçalves, s/nº, no Bairro de Mangabeira VII, na cidade de João Pessoa. Inaugurada no ano de 1999 no governo de José Targino Maranhão.

Foram realizadas visitas semanais, sempre aos sábados, pois é nesse dia que os grupos religiosos atuam no presídio. Permaneci lá o período da manhã e da tarde, ressaltando que o último sábado de cada mês é reservado para visita de um posto médico volante, e com isso não há reuniões religiosas. Nesse dia, não me fazia presente.

Quando entrei no presídio a primeira vez fui olhada com desconfiança e até desprezo por parte das detentas. Ganhar a confiança de algumas delas não foi tarefa fácil, precisei frequentar o presídio e participar de seu cotidiano inúmeras vezes, entrar nas celas, sentar em suas camas, almoçar com elas, atender alguns de seus pedidos, comprar alguns dos produtos produzidos por elas no confinamento.

Devo ressaltar que o viés artístico de algumas detentas surpreende na fabricação de produtos de crochê, tricô, algodão colorido, bordados, pinturas. O material utilizado por elas são trazidos pela própria família ou doados por visitantes ou pelos próprios funcionários do presídio. Esses produtos ficam expostos numa mesa na entrada da penitenciária e são oferecidos a todos os visitantes. Numa tentativa de aproximação das detentas, procurei junto a vara criminal uma autorização para levar duas delas a expor e comercializar seus produtos no ENEPE (Encontro Nacional dos Estudantes de Pedagogia), um evento acadêmico ocorrido em julho de 2011 na Universidade Federal da Paraíba. A autorização foi concedida e, Lindarleide e Patrícia montaram um *stand* de vendas na Praça da Diversidade, no Centro de Educação denominado “Liberdade pela arte”. Neste dia, apesar de escoltadas por quatro agentes carcerários, ouvi uma das frases que mais me emocionou durante a pesquisa; Linda, carinhosamente chamada, abraçou-me e embevecida de alegria e entusiasmo agradeceu “*o dia de princesa*” que eu a tinha proporcionado dizendo:

Você acreditou na gente, não teve medo. Só Deus poderá lhe dar aquilo que você merece! Você nem ninguém imaginam o que é estar quatro anos sem ver a rua, e de repente, estou eu e Patrícia aqui *parecendo gente* na Universidade. Enquanto eu tiver viva eu vou lembrar desse dia e vou agradecer sempre a você por ter lembrado da gente. Parece um dia de princesa para uma presidiária.

Essa atitude gerou-me muitos frutos, pois a partir daí comecei a colher os primeiros dados para minha pesquisa.

A vida no presídio oferece pouca proteção e pouco conforto. Como resultado disso, as detentas experimentam uma crescente situação de incerteza em relação ao futuro. E é dentro desse aspecto que a religião se mostra como uma saída para quem está preso, pois renova as esperanças no Deus que “se encarnou na figura dos oprimidos e excluídos que acabam fora das cidades e crucificados” (BOFF, 2010, p.59). É na religião que as apenadas encontram forças para suportar a realidade imposta pelo cárcere e acreditam que “ainda que andem pelo vale escuro das sombras da morte, não temerão mal algum, porque Deus as acompanha” (SALMOS. 23: 4).

Da relação entre religião e prisão, queremos verificar se o envolvimento religioso é observado como saída por aquelas que buscam nele o conforto e a proteção que o cárcere lhes priva e também investigar como se dá a adesão das detentas às suas doutrinas, ritos e discursos. A pergunta central nessa dissertação é: Como as detentas do Centro de Reeducação Feminino Maria Júlia Maranhão vivem a religião?

Na sociedade em que vivemos o homem em muitos momentos é considerado como o sexo forte, nobre, e a mulher o sexo frágil, submisso. Essa ideia de submissão parece estar também nos conselhos que o apóstolo Paulo dava em sua carta aos Efésios: “vós mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos, como ao Senhor” (EF. 5:22). Biblicamente, parece-me, a mulher devia submissão a esse homem, e a sociedade incorporou de bom grado essa exortação bíblica que não se baseia na igualdade. A visão machista e preconceituosa fez com que as mulheres enfrentassem em sua vida social obstáculos diversos em busca da tão esperada igualdade em todas as instâncias sociais.

As situações se sucedem, e as mulheres continuam discriminadas em casa, no trabalho, nos locais públicos, nas instâncias jurídicas, nas escolas e até mesmo no seu comportamento e nas suas vestimentas.

Isso me levou a enveredar pelo universo feminino prisional e a tentar buscar respostas que contemplassem meus questionamentos.

Essa temática ainda é investida de fortes preconceitos e levando em consideração que a sociedade brasileira poucas vezes demonstra interesse nas discussões de novas alternativas para o cárcere, notou-se que os problemas do cotidiano prisional vêm se tornando público pela exposição da mídia e faz-se necessário detectar as falhas existentes nesta parte do sistema penitenciário analisando as resultantes do contexto feminino moderno.

Esses mesmos problemas permanecem obscuros pela carência de pesquisas científicas e poucos ainda são os pesquisadores que se debruçam nesse estudo. Essa pesquisa possui relevância ímpar para a academia uma vez que a situação de violência e criminalidade é crescente em todo o país, a exposição do crime organizado produz questionamentos e ganha efetivo espaço acadêmico quer nas áreas sociais, históricas ou antropológicas.

Diante dessa situação crescente de criminalidade e da omissão da sociedade perante os fatos é que me proponho a realizar uma pesquisa de cunho etnográfico “vestindo a capa” de etnólogo que segundo Roberto da Matta (1978):

É aprender a realizar uma dupla tarefa que pode ser grosseiramente contida nas seguintes fórmulas: (a) transformar o exótico no familiar e/ou (b) transformar o familiar em exótico. E em ambos os casos, é necessário a presença dos dois termos (que representam dois universos de significação) e, mais basicamente, uma vivência dos dois domínios por um mesmo sujeito disposto a situá-los e apanhá-los (MATTA, 1978, p.28).

Propus-me a fazer uma viagem etnográfica na qual saio do meu mundo social com destino ao encontro de pessoas que convivem em um “outro mundo social”. Sentimentos mistos de medo do novo, emoção e ansiedade parafraseando Lévi-Strauss seriam os “hóspedes indesejáveis” da situação etnográfica². Os bancos universitários nos ensinam teorias e métodos, mas não nos advertem que o que sabemos é o abstrato e o que nos moverá é o vivenciado. Somos influenciados pelo grupo estudado, mas também influenciamo-los por que as detentas acabam percebendo em nós um canal de comunicação com o mundo que poderá ecoar as vozes daquelas que se encontram emudecidas pelo sistema, como ficará claro adiante.

Essa proposta remete-me ao ofício de etnólogo parafraseando Roberto da Matta, cabe a nós “aparar os dados como pingos de chuva caídos do céu e conduzi-los em enxurrada para o oceano das teorias correntes” (MATTA, 1978, p.32). Temos que enxergar aquilo que outros não enxergam, buscar entender cada palavra e o silêncio, compreender o sorriso e a lágrima e

²Comparação feita por Roberto da Mata IN: NUNES, E. O. **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

viajar nas lembranças que envolvem cada uma das detentas. Para isso, é preciso despirmo-nos de preconceitos e dar a oportunidade a nós mesmos de conhecer outro mundo, no qual o cenário etnográfico é a prisão e os protagonistas são os prisioneiros que se tornam vítimas do sistema carcerário que articula elementos para isolar, vigiar e punir (PONCIANO, 2007, p.173).

Transcrevemos aqui o desabafo de uma detenta do Centro de Reeducação Feminino Maria Júlia Maranhão, presa reincidente por uso e tráfico de drogas.

“O preconceito aqui é muito grande, ninguém acredita na gente, não acredita que a gente pode mudar por isso os muros se tornam sempre mais altos...”
(Joana, 21/05/2011).

A dissertação está estruturada da seguinte forma: No primeiro capítulo faço um breve comentário sobre o sistema penitenciário brasileiro, sua estrutura de funcionamento, suas políticas prisionais, perpassando pelos problemas sociais que influenciam o crescente aumento da violência e da criminalidade. Nesse contexto, faço uma análise sobre a situação das mulheres encarceradas e suas peculiaridades tanto no contexto nacional como na realidade paraibana, remetendo-me as territorialidades do Centro de Reeducação Feminina Maria Júlia Maranhão, local aonde foi desenvolvida a pesquisa.

No segundo capítulo trato sobre a religião dentro do cárcere e as funções que ela exerce na vida das prisioneiras. Enfatizo com especificidade os grupos religiosos que tem adentrado o cárcere feminino paraibano e suas formas de organização, fazendo uma análise das estratégias utilizadas por eles para conquistar adeptas as suas doutrinas.

No terceiro capítulo, enfoco a religião das encarceradas, suas atitudes diante das “ofertas” religiosas que se apresentam dentro da prisão, bem como suas práticas religiosas não institucionais, entendendo as funções terapêuticas que o envolvimento religioso pode causar na vida das detentas e o que elas esperam alcançar através da religião. Busco afirmar a hipótese que o envolvimento religioso pode modificar a postura assumida pelas detentas quebrando o estigma de marginal e indo além das barreiras do preconceito social auxiliando-as a suportar as limitações impostas pelo cárcere e por consequente a reinserção social com dignidade.

CAPÍTULO 1 - CARACTERIZAÇÃO DO SISTEMA PENITENCIÁRIO BRASILEIRO E PARAIBANO: Muros sempre mais altos...

“Costuma-se dizer que ninguém conhece verdadeiramente uma nação até que tenha estado dentro de suas prisões. Uma nação não deve ser julgada pelo modo como trata seus cidadãos mais elevados, mas sim pelo modo como trata seus cidadãos mais baixos” (NELSON MANDELA – Long Walk to Freedom, Little Brown, Londres: 1994).

A pior dor não é a de estar presa. É a dor de saber que ninguém mais acredita na gente. Perdemos tudo quando entramos aqui dentro. Nem sei se vale à pena sair... (Paula, 42 anos, presa por associação ao tráfico).

Constantemente, o Sistema Penitenciário tem sido exposto nos meios de comunicação, ora por suas más condições de funcionamento, ora por sua fragilidade no cumprimento das penas. Aspectos incômodos da vida nas penitenciárias descortinam as condições subumanas as quais os detentos são submetidos. Nesse capítulo busco fazer um retrospecto das prisões e sua finalidade, caracterizando e colocando na vitrine o horror tolerado nos porões da sociedade, particularmente, enfatizarei o Centro de Reeducação Feminina Maria Júlia Maranhão, objeto da pesquisa.

Os problemas enfrentados no sistema penitenciário não são privilégios dos dias atuais, desde o início do século XX³, as prisões brasileiras apresentam os mesmos problemas estruturais como superlotação carcerária, exiguidade de espaços para encarceramento, precariedade de condições, não separação entre presos condenados e os que aguardavam julgamento, promiscuidade entre os detentos, desrespeito aos princípios de relacionamento humano, locais escuros e psicologicamente agressivos, dentre outros.

Ainda hoje, o Sistema Penitenciário no Brasil continua precário e por vezes desumano, caracterizado pela falta de estabelecimentos penais adequados, más condições de acomodação e alimentação, falta de assistência médica ou judiciária, arbitrariedades praticadas pelas autoridades, maus tratos, superlotação carcerária, falta de políticas direcionadas para a segurança pública e pela negligência com a situação dos presidiários etc. A população

³ Para maior aprofundamento na história das prisões no Brasil ver: PERROT, Michelle. **Os excluídos da história:** operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

carcerária do Brasil está distribuída em vários estabelecimentos de diferentes categorias, incluindo penitenciárias, presídios, cadeias públicas, cadeiões, casas de detenção e distritos ou delegacias policiais.

Tais variáveis influenciam-se mutuamente, interpenetram-se, alimentam-se reciprocamente, numa dinâmica circular em que se destaca a persistência dos cenários de violência e violação dos direitos humanos. Nesse sentido as autoridades federais e estaduais não têm sido capazes de conter razoavelmente a ampliação dos problemas que o país apresenta nesse setor, à medida que se elevam as taxas de encarceramento nos últimos anos (SALLA, 2001, p.34).

Segundo dados do Sistema Penitenciário Brasileiro (2000-2010)⁴, existem hoje no Brasil 498.500 presos para 303.850 vagas. No último ano de 2010, tem-se que a taxa de ocupação dos presídios foi de 1,64 presos por vaga, atrás somente da Bolívia, que possui taxa de 1,66. Segundo Salla (2001, p.34), se analisarmos o percentual de presos por cada 100 mil habitantes tínhamos no ano 1995, 95,4 detentos e no ano 2000 esse número elevou-se para 134,9 presos para cada 100 mil habitantes, representando um aumento de 41% no período de cinco anos.

Dessa maneira os presidiários ficam amontoados sem perspectivas promissoras de melhoria no sistema. O descaso das autoridades acaba transformando as instituições carcerárias em ambientes que nada contribuem para a melhoria da conduta dos presos, vindo por vezes a piorá-la. É importante nesse ponto transcrever o relato de uma detenta, reclusa na Colônia Penal Feminina de Pernambuco, que vem a ilustrar o que relatamos.

Prisão não melhora ninguém. Vou sair daqui pior do que entrei. Vi gente até direita, de família, sair de cabeça virada. Nunca me preocupei nem me arrependi pelo que fiz (PERRUCCI, 1983, p.59).

A sociedade brasileira é marcadamente excludente e como bem observou Foucault (1997), vivemos atualmente numa “sociedade inquisitorial e punitiva”. Essa punição dá-se, na forma do confinamento, ou seja, todos aqueles que de alguma forma fogem de um padrão racional de comportamento pré-estabelecido, são de alguma maneira inquiridos, julgados e marginalizados, sendo destinados ao cárcere em algum tipo de instituição. As instituições carcerárias, como os presídios, são as que o mesmo autor chama de “instituições totais” cuja

⁴Esses dados foram coletados pelo Instituto de Pesquisa e Cultura Luiz Flávio Gomes e encontram-se disponíveis em: www.ipclfg.com.br

característica apontada por ele é a de serem aparelhos “transformadores do indivíduo” (FOUCAULT, 1996, p.106). Após condenados, os presos perdem uma das coisas que eles mais prezam: a liberdade. Segundo Boff (2005, p.52), “o ser humano prefere perder o pão a perder a liberdade”.

O que se tem notado claramente é uma realidade de total descontrole do sistema prisional brasileiro, que a despeito de punir efetivamente o indivíduo não consegue restaurá-lo à sociedade. O número exagerado de reincidência criminal é consequência desta falência do sistema prisional brasileiro que devolve a sociedade indivíduos que tiveram pouca ou nenhuma possibilidade de reabilitação. Ponciano (2007) diz:

A ação sobre o corpo que atinge a alma do prisioneiro é de uma magnitude tão intensa que, ao ganhar a sua liberdade, em muitos casos, o prisioneiro sente-se perdido e inepto à vida social. Isola-se e, paradoxalmente, quer voltar à prisão por já estar seguro das regras que regulavam sua vida (PONCIANO, 2007, p.179).

Nesse sentido o Estado é co-responsável de parte dessa criminalidade, uma vez que não desenvolve, dentro das penitenciárias, programas para reabilitação de apenados e acaba por devolver à sociedade indivíduos que tiveram negados os seus direitos, tais como direito a saúde e educação, perpetuando e acentuando o ciclo de exclusão mesmo após terem cumprido a sua pena.

Não obstante às dificuldades perpetuadas pelo cárcere os detentos enfrentam, o que Goffman (1947, p.11), caracterizou como “fechamento” que passa a ser entendido como “barreiras em relação ao mundo social com o mundo externo, e por proibições à saída que muitas vezes estão incluídas no esquema físico – por exemplo, portas fechadas, paredes altas, arame farpado...”

Tal citação lembrou-me das sofridas palavras de uma das detentas reclusas no Centro de Reeducação Feminino Maria Júlia Maranhão que desencantada e desesperançosa afirma: “Ninguém acredita na gente, por isso os muros se tornam sempre mais altos” (Joana, 21/05/2011). Muros que vão além de estruturas de concreto, de cercas eletrificadas e de constante vigilância, muros esses que se perpetuam no preconceito, na discriminação e na rejeição, e consequente exclusão social. Muros sentimentais, mutilações de desejos, sonhos e esperanças, muros esses que fazem parte do isolamento social previsto nas leis, muros de rendição, punição, desumanização.

Dentro do presídio, prevalece a lei do mais forte, ou seja, quem tem força ou poder subordina os mais fracos. Não se trata de ausência de leis, como bem mostra Biondi (2009), mas são leis excludentes. Os detentos são expostos a todo o momento às arbitrariedades cometidas pelos seus custodiadores, à violência policial, ao abuso de autoridade, à corrupção dos servidores públicos. Esses aspectos são incômodos e mancham a imagem política do país e dos seus governantes, e embora venham sendo combatidos, ainda estamos distante de uma solução para o caos do sistema prisional brasileiro. Realidades comuns aos presídios brasileiros expressam não apenas questões sociais. Refletem, como bem ressalta Guindani (2010), características de uma sociedade fraturada.

Não precisamos ir muito longe para comprovar o descaso com que os nossos prisioneiros são tratados e ver seus direitos básicos ignorados, como exemplo temos o dia 31 de julho de 1997, no qual ocorreu a chacina de 8 presos no presídio do Róger, em João Pessoa, Paraíba. Salla (2001) assim relata:

Um grupo de presos se rebelou depois de uma tentativa de fuga frustrada. A polícia militar invadiu o presídio com o apoio de um grupo de presos colaboradores. A execução dos que lideraram a tentativa de fuga foi violenta. Alguns foram baleados pela polícia, mas, vários deles foram mortos pelos demais presos com requintes de crueldade, depois de espancados, esfaqueados e feridos com estiletes, sem intervenção das autoridades policiais ou do presídio (SALLA, 2001, p.23).

O Brasil possui em sua Constituição a Lei de Execução Penal (LEP) que é considerada uma das mais avançadas e completas do mundo, mas pouca coisa sai do papel. Criada em 11 de julho de 1984 sob o número 7.210, a lei reconhece os direitos humanos dos prisioneiros e traz como objetivo a ressocialização dos apenados. Estabelece garantias aos presos de assistência educacional, como instrução escolar e ensino profissionalizante. Também garante assistência médica, jurídica, social, religiosa e material e cita, no artigo 31 que o Estado tem obrigação de oferecer trabalho remunerado ao presidiário.

Esse trabalho recebe o nome de laborterapia (trabalho dos detentos fora ou dentro de presídios) e é um privilégio de poucos detentos no Brasil: em 2007 apenas 23.831 dos 437.596 presos tinham essa oportunidade, ou seja, somente 5,5%⁵. De todas as “garantias” dadas pela LEP, poucas são cumpridas e quando são, atingem pequena parte dos presos no

⁵Esses dados foram coletados pela ONG Human Rights Watch (Organização Não-Governamental que luta pelos Direitos Humanos internacionais) Disponível em: www.hrw.org

país. Os detentos que porventura conseguirem essa oportunidade de trabalho não se enquadram nas leis trabalhistas que garantem férias, fundo de garantia, aviso prévio e décimo terceiro salário, no entanto, seu salário deve ser colocado em poupança para ajudá-lo em sua vida pós-prisão.

No entanto, o Estado que criou a lei é o mesmo que não a cumpre, pois não oferece sequer vagas suficientes para acomodar todos os presos, quiçá oportunidades de trabalho. No caso do Centro de Reeducação onde se realizou a pesquisa e que reflete a realidade brasileira, apenas poucas detentas em cada carceragem trabalham no serviço de faxina, geralmente de duas a seis presas. Esse presídio diferencia-se dos demais por ter instalado em suas dependências uma mini fábrica de costura que produz fardamentos para empresas, na qual cerca de 16 presas trabalham 8 horas diárias no serviço de costura de uniformes padronizados. Contudo, os critérios para o ingresso na fábrica são desconhecidos pelas próprias detentas. Conforme afirma Luísa, 21 anos, pernambucana, e que se encontra aguardando julgamento:

Eu cheguei aqui numa terça-feira, no outro dia me chamaram para costurar na fábrica. Eu fui! Mas, eu nunca tinha costurado nem um botão em toda minha vida. As outras meninas ficaram até com raiva de mim porque me chamaram. Só que eu não tenho culpa. Não sei por que me chamaram só sei que eu fui (Luísa, 05/11/11).

Nessa iniciativa não existe carteira de trabalho assinada, férias, décimo terceiro. As detentas trabalham em troca de uma remuneração de R\$ 180,00 (cento e oitenta reais). Apenas cerca de 20% do ordenado fica em mãos e o restante ou é entregue à família ou é depositado em uma conta para que elas possam ter acesso quando libertas. Adotam também o regime de remissão de dias, ou seja, cada três dias trabalhados correspondem um dia a menos na pena. Essa iniciativa busca ensinar às detentas uma profissão digna para que elas a exerçam quando galgarem a liberdade. Todas as outras detentas, condenadas ou não ficam ociosas.

Ressalto ainda o descaso à situação das mulheres presas e a nítida diferença de tratamento quanto ao detento do sexo masculino, pois a estrutura dos presídios não atende suas necessidades específicas como atendimento ginecológico, creche para seus filhos, condições de higiene adequadas, políticas estabelecidas para relação sexual entre tantas outras.

Diante dessa realidade perguntamo-nos quem são os responsáveis por essa estrutura? De quem é o fracasso? O que podemos esperar desses homens e mulheres que se encontram

reclusos em instituições penais que em nada colaboram para sua reintegração à sociedade com dignidade?

1.1 A situação das mulheres encarceradas

A vida aqui dentro não é nada fácil. A saudade da nossa família dói muito. A gente vive isolada, trancada, sozinha. Às vezes até adocece, doença de cela⁶... Só Deus é que olha por nós! (Maria das Dores, 52 anos, aguarda julgamento).

Numa sociedade caracterizada historicamente como machista, as mulheres lutam por viver sob os mesmos direitos que os homens. Cansadas de serem vistas como o sexo frágil, a dona de casa, a mãe dos filhos, as mulheres buscaram mostrar socialmente sua capacidade polivalente de exercer outras funções além daquelas determinadas historicamente, partiram para buscar trabalhos remunerados, mais estudo e outras oportunidades de crescimento sem deixar de cumprir seu “papel sociofamiliar”.

Inseridas nessa sociedade capitalista, as mulheres da classe pobre, que tiveram pouco ou nenhum acesso aos portões de uma escola, submetem-se a trabalhos com baixa remuneração e baixa qualificação, desde que os mesmos ajudem-nas a se sentirem úteis dentro de sua família. Sarti (2007) assim apresenta:

A entrada no mercado de trabalho é um fenômeno social novo para as mulheres de camadas médias e altas, profissionais de alta qualificação, fatia do mercado antes primordialmente preenchida por homens. Se a baixa qualificação, baixa remuneração e sobrecarga de tarefas domésticas/remuneradas fazem o trabalho remunerado pouco gratificante e cansativo, o sentido do trabalho feminino subordinado as obrigações familiares, que vêm em primeiro lugar para a mulher, pode, por essa mesma razão, justificar essa atividade e levar à gratificação de saber que, pelo seu trabalho, a mulher verá seus filhos vestidos, a comida na mesa, a família bem alimentada (SARTI, 2007, p.100).

⁶Doença de cela para as detentas é tristeza, falta de interesse pelas coisas, não querer comer, não falar, não participar de nada, também chamada de depressão.

Em alguns casos, o trabalho remunerado pode dignificar as mulheres e as colocar numa situação de *status* elevado na comunidade em que vivem, já que nem todas as suas amigas, vizinhas e companheiras de bairro tiveram a mesma oportunidade. Nesse contexto algumas mulheres encontram-se sem perspectivas de futuro melhor, sem qualificação para o mercado de trabalho e praticamente sem chances de inserção nele, e algumas delas amparam-se nesses fatores para justificarem a entrada no caminho da criminalidade uma vez que o mesmo não exige escolaridade ou boa aparência dentre outros requisitos tão exigidos pelo mercado do trabalho formal. Podemos perceber claramente isso na fala de uma das presidiárias que entrevistei.

Tô aqui por que roubei. Não tinha nada pra comer lá em casa, meu menino me pedia comida e eu não tinha. Ninguém queria me dar trabalho só porque eu estudei pouco, coitado da gente que tem cara de pobre, aí eu fui pra rua e comecei a roubar. Eu ia deixar meu menino morrer de fome? Ia nada! (Samara, 36 anos).

Em contrapartida, a criminalidade as leva para dentro das prisões, para viverem reclusas num confinamento indesejável, separando-as de suas famílias e obrigando-as a cumprirem as penas previstas pelos seus crimes.

A população carcerária feminina é pequena se comparada com a população masculina. Segundo a *Human Rights Watch*, em pesquisa realizada entre setembro de 1997 e março de 1998, as prisões, cadeias e carceragens brasileiras possuíam cerca de 8.510 (oito mil quinhentos e dez) mulheres confinadas. Em 2009, os dados fornecidos pelo DEPEN⁷ já apontavam cerca de vinte e oito mil mulheres cumprindo pena em todo o país, ou seja, cerca de 6,0% do total de presos no Brasil. Esta proporção é basicamente a mesma encontrada em outros países da América Latina.

Em estudo realizado, em abril de 2008, pelo Departamento Penitenciário Nacional⁸ sobre a evolução da população carcerária feminina, constatou-se que nos últimos quatro anos houve um crescimento real da população carcerária feminina de 37,47%. Isto representa uma taxa média de crescimento anual de aproximadamente 11,19%. Sendo esse crescimento maior que o crescimento da população carcerária masculina no mesmo período. Estima-se que, em dezembro 2012, os homens encarcerados representarão 92,35% da população carcerária total

⁷Departamento Penitenciário Nacional do Ministério da Justiça. Disponível em: portal.mj.gov.br/depen/

⁸Dados disponíveis no site do Departamento Penitenciário Nacional, disponível em: <http://www.mj.gov.br/depen>

do país (atualmente representam 93,88%) e as mulheres encarceradas, no mesmo ano, representarão 7,65% da população carcerária total do país (atualmente representam 6,12%).

A dinâmica social nas penitenciárias femininas está marcada pela repressão e pela exclusão. As prisioneiras são excluídas ao mesmo tempo do mundo exterior e do sexo oposto, fato esse, que não é diferente no sistema penitenciário masculino segundo a *Human Rights Watch*, mas se colocam mais evidente para as mulheres, privadas da visita íntima a não ser com os maridos e apenas no caso de serem casadas formalmente, aspecto que tratarei mais adiante. A solidão torna-se a companheira mais fiel no cárcere.

Privados da liberdade, os detentos de forma geral, encontram-se “excluídos na exclusão⁹”. Essa exclusão que os acompanha desde a vida de libertos, vitimados pela desigualdade social e econômica, sendo esse um dos motivos que os levam ao mundo da criminalidade e conseqüentemente ao confinamento. Dentro do presídio encontra-se em outro ambiente excludente, por que necessitam subordinarem-se a detentos mais antigos, a agentes carcerários, as condições e leis impostas pelo sistema, por que o trabalho oferecido não é para todos e sua dignidade como ser humano é a todo o momento violada.

Dentro dessa “exclusão” encontram-se ainda mulheres que são minorias num sistema prisional construído por homens e para homens. Os presídios femininos não são, na maioria das vezes, planejados para receber mulheres, sendo em sua maior parte, praticamente idênticos na estrutura física e na dinâmica de funcionamento aos presídios masculinos; quando não raro, antigas penitenciárias masculinas transformam-se em instituições carcerárias femininas, sem passar por nenhuma reestruturação, sem levar em consideração as condições físicas de algumas mulheres que adentram o cárcere grávidas, ou nele engravidam, e que naquele mesmo ambiente amamentam e criam seus filhos até o período previsto por lei que compreende os seis primeiros meses de vida da criança.

De acordo com o levantamento feito pelo grupo de Estudos e Trabalho Mulheres Encarceradas¹⁰, o perfil das mulheres que se encontram nos presídios femininos brasileiros é composto em sua maioria por jovens que foram mães na adolescência ou têm mais de dois filhos; e que sofrem com a falta de assistência à saúde (um grande número de detentas, reclusas em razão do tráfico de drogas, são na verdade dependentes químicas e não recebe nenhum tipo de tratamento). As presas, de uma forma geral, sofrem exclusão na sociedade e

⁹Para Richardson existe um grupo de pessoas que são excluídas da sociedade e ao mesmo tempo colocam-se em situação de exclusão, em situação limite ou nas instituições chamadas totais, tais como cárceres, instituições psiquiátricas, asilos de anciãos e situações de exclusão voluntária. (RICHARDSON, 2009, p.30).

¹⁰Homepage da pastoral carcerária, disponível em [HTTP://carceraria.org.br](http://carceraria.org.br)

discriminação do Poder Judiciário, já que nos crimes cometidos por casal, a progressão e restituição da liberdade se dão primeiro para o homem, enquanto a mulher cumpre quase a totalidade da pena em regime fechado¹¹.

Da mesma forma como acontece nos presídios masculinos, muitas detentas reclamam das duras condições da prisão e sofrem com os maus tratos, incluindo a superlotação nos estabelecimentos penais, a insuficiência médica e legal, bem como o atendimento inadequado às necessidades básicas. Apesar disso, elas são geralmente poupadas de alguns dos piores aspectos das prisões masculinas: as detentas tendem a ter maior acesso a oportunidades de trabalho e sofrem menos violência dos funcionários.

1.2 As mulheres encarceradas no contexto e realidade paraibanos – O caso do Centro de Reeducação Feminina Maria Júlia Maranhão

O Centro de reeducação feminina Maria Júlia Maranhão, também conhecido como “Bom Pastor” é uma instituição prisional destinada ao confinamento de mulheres infratoras situada na capital da Paraíba. Com capacidade para cerca de 150 detentas, possui atualmente cerca de 392 apenadas, sendo assim distribuídas em 16 celas, estruturadas em dois pavilhões. Destas 392 detentas, cerca de 189 estão em regime provisório¹², aproximadamente 129 detentas estão condenadas e cumprem penas em regime fechado, 57 detentas estão em regime semi-aberto e 17 cumprem pena em regime aberto. Vale salientar que esses números se modificam diariamente com a entrada e a saída de detentas, sendo, portanto, números flutuantes.

Há dois tipos de celas, com 4 ou 8 camas, nas celas com 4 camas estão cerca de 9 a 10 mulheres, e nas celas com 8 camas estão cerca de 17 a 20 apenadas. Perguntei-lhes como faziam para se acomodarem e elas responderam que existe uma “lei” entre elas, aquelas que dormiam nos colchões no chão só adquiriam o direito de uma cama quando uma das detentas antigas ganhava a liberdade. Segundo depoimento colhido em junho de 2011;

¹¹Homepage da pastoral carcerária, disponível em [HTTP://carceraria.org.br](http://carceraria.org.br)

¹²Enquadram-se no regime provisório, detentos(as) que ainda aguardam julgamento, mas que, por determinação judicial, cumprem prisão preventiva.

Na minha cela tem 16 mulheres dormindo. É um inferno. Eu mesma durmo entre duas gordas na porta do banheiro, às vezes fico sufocada, a gente tem que esperar uma das meninas das camas ganhar a rua pra poder ter uma cama, aí quem está a mais tempo dormindo no chão sobe pra cama... (Natália, 21 anos).

Na linguagem carcerária “ganhar a liberdade”, “ganhar a rua”, significa mais do que sair do presídio propriamente dito. Liberdade e rua são percebidas entre as detentas como prêmio a ser conquistado. A rua a que se referem não é aquela composta por vias expressas e rodovias que exerce a função de circulação e tráfego de pessoas e veículos, mas aquela que oferece lugar e suporte de sociabilidade, a rua que simbolicamente representa a casa (SANTOS e VOGEL, 1985)

É a rua que resgata a experiência da diversidade, possibilitando a presença do forasteiro, o encontro entre desconhecidos, a troca entre diferentes, o reconhecimento dos semelhantes, a multiplicidade de usos e olhares – tudo num espaço público e regulado por normas também públicas. Este é o espaço que se opõe, em termos de estrutura, àquele outro, o do domínio privado, da casa, das relações consangüíneas. (DA MATTA, 1985)

A liberdade referida é aquela onde elas possam se expressar, caminhar, lutar por seus direitos, batalhar por dias melhores, *decidir os prós e os contras, que tanto pode desejar o bem do outro, associando-se a ele, como pode rejeitá-lo, eliminando-o.* (BETTO, 2010;100). É o sentir-se livre, não estando submetido à vontade ou à autoridade legislativa do homem. É poder respirar o ar da própria vontade para cada um fazer o que lhe aprouver, viver como lhe agradar.

Algumas detentas tentam amenizar a aparência pesada das celas colocando nelas adesivos de flores, fotos de artistas e familiares, frases de amor e de autoajuda. Uma das frases que encontramos escritas e de autoria desconhecida dizia-nos: “Quero que o vento leve para longe minhas lágrimas para que o meu amor não saiba que sofro por ele...” Referências religiosas também são facilmente encontradas dentro das celas, calendários com imagens dos santos católicos, orações e invocações ao Cristo, gritos de socorro expressos pela palavra escrita: “Deus, olhai por nós”.

Uma cela específica chamou-nos a atenção, a cela 15, que é reservada para mães com crianças em fase de amamentação, nessa cela encontram-se cerca de dez bebês juntamente com suas mães. Essas crianças permanecem no presídio até cerca de seis meses de idade, quando completada a estada delas no presídio, são entregues a familiares ou a instituições de abrigo de menores. As mães detentas têm o direito de visitá-los apenas uma vez por mês, fato esse que choca e amedronta as mães prisioneiras. Essas mulheres têm medo de perderem a custódia de seus filhos e que sejam entregues para adoção. Muitas dessas mães reclamam que deixaram seus filhos com algum parente e que atualmente desconhecem o paradeiro dos mesmos, sendo comum encontrar entre elas mães que desde o confinamento perderam totalmente o contato com seus filhos. No depoimento de uma delas percebemos o profundo sentimento maternal que absorve toda a dor da distância em nome do bem estar do filho.

Quando eu caí aqui, eu fiz um pedido para minha mãe. Eu disse a ela que não precisava gastar dinheiro de passagem vindo *ver eu* aqui, eu só pedi a ela que o dinheiro que ela ia gastar vindo *ver eu* ela comprasse o leite do meu filho e cuidasse dele pra mim, já faz seis meses que eu tô aqui (silêncio e lágrimas escorriam pelo rosto da detenta) e nunca mais eu vi meu filho, ele deve tá tão sabido..., meu filho é lindo! (Letícia, 19 anos).

Esse tipo de depoimento é facilmente encontrado nos discursos daquelas mulheres, algumas delas reclusas há anos não sabem sequer o paradeiro de seus filhos, outras têm seus filhos separados apenas pelo muro prisional uma vez que os têm cumprindo pena no Instituto Penal Silvio Porto¹³ ou na Penitenciária de Segurança Máxima Geraldo Beltrão¹⁴ que estão situadas no mesmo terreno destinado ao presídio feminino.

Dentro da penitenciária existe ainda uma relação de “trabalho” entre algumas delas, pude perceber esse fato quando me aproximei de uma jovem que segurava uma menina de quatro meses nos braços. Timidamente comecei a brincar com a criança fazendo-lhe afagos, perguntando seu nome e por fim se ela era filha da detenta, que responde com orgulho que é a babá da criança. Não havia pensado antes nessa possibilidade e ao sair do pátio interno do presídio perguntei a uma agente carcerária como se estabelecia esse fato e me foi explicado que algumas detentas trocam produtos de higiene, alimentação ou até mesmo dinheiro pelo “serviço” de outras sendo esse fato muito comum lá dentro.

¹³ Instituição de segurança média destinada ao confinamento de homens infratores.

¹⁴ Penitenciária de Segurança Máxima masculina.

As detentas também enfrentam obstáculos específicos, especialmente a limitação das atividades recreacionais e a discriminação no que tange ao direito das visitas conjugais. Elas só podem receber visitas de parentes de 1º grau (pai, mãe, filhos, irmãos e marido quando este for casado legalmente ou tiver filhos em comum com a detenta), outros parentes e amigos são proibidos à visitação. Talvez ainda mais que os detentos, elas enfrentam sérios obstáculos para preservar suas conexões sociais, por que aos detentos a visita íntima é mais flexível e frequentemente suas companheiras que estão em liberdade vão visitá-lo, fato esse que é raro no contexto prisional feminino. Além disso, as áreas e condições de visitação deixam muito a desejar, sendo espaços pequenos, expostos ao sol e a chuva e barulhentos para acomodar o número de visitantes.

Ainda no âmbito interno do presídio, existe uma cela para o isolamento daquelas que infringiram as regras prisionais, provocaram desordens, instigaram rebeliões ou brigaram entre si, essa cela é denominada Japão¹⁵ e nela as detentas ficam sem roupas, sem colchão e recebem anotações em sua ficha cadastral complicando a sua vida judiciária.

No que diz respeito à assistência médica tomamos conhecimento que no último sábado de cada mês um posto médico móvel se instala no presídio realizando atendimentos simples de consultas e prescrição de medicamentos. Dentro do Centro de Reeducação não existe enfermaria ou médicos, existe apenas uma enfermeira de plantão oito horas por dia, de segunda a sábado, não permanecendo no estabelecimento na parte noturna.

Em parceria com a Universidade Federal da Paraíba, o núcleo de extensão, pesquisa e estágio através da Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários abriu no ano corrente turmas de educação de jovens e adultos bem como turmas de cursinho pré-vestibular dentro do presídio com o intuito de oferecer às detentas oportunidades de estudos e melhoria das condições de vida pós-prisão.

Em relação à limpeza e manutenção do ambiente prisional, as detentas revezam-se em tarefas corriqueiras na cozinha ou na limpeza dos corredores e celas. A população de cada cela é responsável por sua manutenção e aquelas que se destinam a cozinhar podem optar pela remissão de pena: a cada três dias trabalhados corresponde a um dia a menos na prisão.

Os crimes mais comuns praticados pelas detentas, e que as levam ao regime fechado são: tráfico de drogas, furto, assalto e homicídio. Segundo a diretora do presídio Cíntia Almeida, 90% das detentas estão reclusas pelo uso e tráfico de drogas. Muitas delas alegam

¹⁵Japão na linguagem carcerária feminina paraibana é a cela onde elas ficam isoladas, num castigo que segundo elas é torturante. Maus tratos e espancamentos foram relatados e ainda acusaram os agentes penitenciários de ameaçá-las de as levarem ao isolamento.

ter cometido tais crimes por influência dos companheiros e demonstram-se arrependidas. Outras se alegam inocentes e afirmam que estão ali por terem acobertado seus parceiros.

Emocionalmente frágeis, choram e sorriem na mesma proporção, uma única palavra pode ser motivo para um choro copioso ou ainda para uma briga violenta. Românticas perseguem o amor e o prazer reforçando com isso dentro do presídio as práticas homossexuais. Quando indagadas sobre o tema amor, percebemos que seus olhos se perdem num infinito de lembranças e por vezes deixam que deles caiam discretas lágrimas.

Convivendo com as detentas durante o período da pesquisa, estivemos lado a lado com mulheres distintas que possuíam um ponto em comum: o enveredamento pelo caminho do crime. Elas constantemente têm sido “presas fáceis do ardil, da sedução, do envolvimento amoroso trágico, com suas vidas inválidas pelos ‘amores’ e/ou ‘colegas’” (MAGALHÃES, 2001, p.97). Trancafiadas nas grades prisionais, essas mulheres sentem-se humilhadas, inferiorizadas e constantemente recriminadas, fato esse que contribui para tornar o ambiente prisional ainda mais difícil, pesado e cruel.

Há problemas sérios quanto aos direitos jurídicos das detentas, uma vez que o número de defensores públicos é insuficiente a quantidade de processos, e aquelas poucas que conseguiram advogados particulares relatam que às vezes depois de terem efetuado parte do pagamento vêm seu caso ser tratado com descaso e até negligência. São mulheres condenadas pela história de vida que as levou ao cárcere e pelo descaso com que são tratados pelos profissionais que trabalham com a justiça.

As prisioneiras são excluídas ao mesmo tempo do mundo exterior, do sexo oposto, e veem seus direitos a todo o momento serem violados, marginalizadas e agora duplamente condenadas por suas condições de mulher e de presidiária.

Estamos cientes, portanto, que:

Dentro da prisão, as detentas estarão submetidas à regras, normas e procedências rotineiras bem diferentes daquelas em que se acostumaram em suas vidas de libertas, sentindo inclusive, uma alteração na sua identidade (PERROT, 1988, p.266).

Essa série de exclusões e repressões, de acordo com as teorias penais modernas, estariam voltadas para a reeducação das presidiárias e para uma preparação para o retorno à sociedade. Não é justa uma dupla condenação a essas mulheres que erraram, assim como erra

qualquer pessoa, ao serem condenadas, ao mesmo tempo, à reclusão pela força das leis e ao esquecimento por força do preconceito e da indiferença, praticamente sem chance de reabilitação.

A realidade carcerária brasileira é o retrato fiel de uma sociedade desigual e desumana. Pelo exposto percebemos que apesar de avanços legais e tímidas iniciativas de recuperação de detentos, na maioria dos presídios brasileiros os direitos dos presos continuam sendo desrespeitados. E a justificativa é sempre a mesma, a falta de recursos e capacitação profissional, neste ínterim os detentos viram vítimas de um sistema que se resume em vigiar e punir. Dentro desse contexto surgem algumas iniciativas particulares de resgate de valores e tentativa de ressocializar e reintegrar os prisioneiros, dentre elas a religião, questão que abordarei no capítulo seguinte concentrando o foco da pesquisa na prisão feminina e estudando o caso do Centro de Reeducação Feminina Maria Júlia Maranhão, situado em João Pessoa, capital da Paraíba.

CAPÍTULO 2 - A ALEGRIA DO SÁBADO: O DIA DA VISITA DO SENHOR

Encontrar Jesus aqui dentro é que tem me dado forças para superar cada dia. Penso no dia que vou sair daqui e abraçar meus filhos... Só Jesus para dar consolo para minha saudade... (Suênia, 27 anos, aguarda julgamento por tráfico de drogas).

2.1 A religião no cárcere

Nesse capítulo busco transcrever os acontecimentos religiosos referentes aos dias de sábado dentro do presídio feminino, os sentimentos que circundam àquelas mulheres e as sensações que a religião desperta no cárcere, analisando seus discursos e fazendo uso de observação participante onde cada detalhe de comportamento, fala ou expressão foi cuidadosamente observado. Ressalto não apenas as falas das detentas, mas o discurso dos religiosos que se propõem a ali desenvolverem seus trabalhos cristãos.

Dentro da prisão as detentas experimentam todo tipo de incertezas, sentimentos diversos misturam-se e cada dia é um novo desafio para superar. O tempo passa devagar, a ociosidade torna ainda mais difícil esta estada. A Lei de Execução Penal, instituída pela lei de número 7210 de 11 de julho de 1984, garante educação, saúde e formação profissional às presas, garante também que elas não perdem nenhum de seus direitos ao serem reclusas, exceto aqueles atingidos pela pena privativa de liberdade (direito de ir e vir, por exemplo). Notório, no entanto, é o descumprimento da lei por parte do Estado reforçando o preconceito direcionado a essas mulheres.

Um dos direitos garantidos diz respeito à religião. Quanto à assistência religiosa, a Lei de Execução Penal em seu artigo 24 diz:

Artigo 24 - Da Assistência religiosa: A assistência religiosa, com liberdade de culto, será prestada aos presos e aos internados, permitindo-se-lhes a participação nos serviços organizados no estabelecimento penal, bem como a posse de livros de instrução religiosa.

§ 1º No estabelecimento haverá local apropriado para os cultos religiosos.

§ 2º Nenhum preso ou internado poderá ser obrigado a participar da atividade religiosa.

Artigo 41 – Constituem direitos do preso: ... VII – assistência material, à saúde, jurídica, educacional, social e religiosa.

É função do Estado assegurar-lhe esses direitos bem como proporcionar programas que as ajudem a ocupar o tempo ocioso no presídio, tempo esse que poderia ser ocupado com atividades educativas, técnicas, religiosas, recreacionais, oficinas de trabalho, entre tantas outras. Esse tempo poderia ser muito útil para o desenvolvimento de habilidades e consequente reabilitação e reinserção social com dignidade.

Outros obstáculos também precisam ser transpostos, homens e mulheres em situação de reclusão têm pouca ou nenhuma oportunidade de reinserção digna em sociedade. Por exemplo, a visita da família é uma possibilidade, mas não uma garantia, e o direito a educação e saúde por vezes não saem do papel. São pessoas socialmente esquecidas pelo Estado e bem provavelmente pela maioria da população. Segundo Frade (2005):

É bem provável que a imensa maioria da população sequer tenha conhecimento da sua existência. É a ilha do ostracismo. Para mais além do desinteresse da população pelos marginais, há a mentalidade de que talvez devam mesmo “sofrer muito” e nunca mais voltar [ao convívio social] (FRADE, 2005, p.23).

Com poucas propostas de programas que auxiliem o resgate de suas potencialidades, alguns detentos agarram-se como bóias salva-vidas às poucas oportunidades que lhes são oferecidas, entre elas a religião. Segundo relato de Wilma, 45 anos e reclusa há 3 anos e 9 meses;

A religião aqui dentro é tudo pra mim. O sábado é o melhor dia. Acordo logo cedo, tomo banho, tomo café, pego minha bíblia e venho para todos os cultos. Eu nem quero saber se é da Assembleia ou da Católica. Eu fico o dia todinho aqui no pátio. Acho tão bonito as músicas que eles cantam, nessa hora a gente até esquece o que fez e se sente feliz... Eu matei três pessoas, mas tenho fé que quando eu sair daqui eu não vou mais fazer nada de errado não porque Jesus mudou minha vida.

Wilma expressa em seu depoimento alegria de se fazer presente nas celebrações religiosas dentro do presídio, as palavras proferidas, os hinos entoados, as petições através das orações, tudo isso ganha encanto maior quando se vê na religião a única expectativa de superação interior. Muitas dessas mulheres desacreditam-se de si mesmo, não se percebem dignas de convívio social. A religião nesse sentido faz o trabalho do reencontro consigo

mesma através de Deus e da sua misericórdia, esse reencontro com a integridade de seu ego e a aceitação da vida como ela se apresenta. O sábado, não apenas para Wilma, mas para muitas detentas, é a representação da visita do Senhor, a correção fraterna de um pai amoroso que com amor e zelo vem ao encontro das encarceradas com um bálsamo curativo para as feridas abertas pelos desencantos e desilusões que a vida provocou. Esse encanto que o sábado representa traz a tona sensações de alívio, amorosidade e perdão, sensações essas diferentes e diversas daquelas comuns à prisão.

Um fato que me chamou a atenção foi a reflexão de uma agente carcerária quanto a outros tipos de religiões presentes naquele espaço. Ela se aproximou e começou a perguntar se eu já tinha encontrado ali dentro alguma detenta que se afirmasse “macumbeira”¹⁶ ou “mãe de Santo”, mas antes que eu mesma pudesse responder ela interpelou:

Achou nada. Ninguém aqui se assume de verdade. É tudo muito bonito, na hora dos cultos levantam as mãos, choram... tudo falsidade. Lá fora iam era pros terreiros dançar Xangô. Aqui ficam dando umas de santas. E quando você perguntar de qual religião ela é, ou qual ela frequentava antes de parar aqui, com certeza você vai ouvir que eram católicas ou crentes (22/10/2012)

Realmente, eu já estava em campo há quase seis meses e nenhuma detenta se denominava de outra religião que não fossem as cristãs tradicionais. Sua reflexão apesar de soar com ironia parecia pertinente. Ali se repetiam os mesmos preconceitos impregnados nos porões de nossa sociedade. Assumir-se como “macumbeira” naquele espaço poderia lhes privar ainda mais as possibilidades de socialização.

2.2 Os grupos religiosos que atuam no cárcere e suas formas de organização

Grupos religiosos, todos os sábados, revezavam-se para prestar assistência espiritual às detentas do Centro de Reeducação Feminino Maria Júlia Maranhão. O horário da manhã é dividido entre dois grupos distintos: um grupo pentecostal da Assembleia de Deus e um grupo neo-pentecostal da Igreja Universal do Reino de Deus; no período da tarde há o revezamento

¹⁶“Macumbeiro” termo pejorativo usado no Brasil para se referir aos seguidores das Religiões Afro-brasileiras.

de três grupos; um interdenominacional (constituído por membros das Igrejas Batista, Nazareno, Presbiteriana e Betel), um grupo católico e outro grupo da Assembleia de Deus. Eles assim se distribuem:

GRUPO RELIGIOSO	HORÁRIO
Grupo evangelístico da Igreja Assembleia de Deus (Tradicional)	08:00 às 09:30
Grupo Neopentecostal da Igreja Universal do Reino de Deus	09:30 às 10:30
INTERVALO PARA ALMOÇO	10:30 às 12:30
Grupo Evangelístico Interdenominacional	14:00 às 15:00
Grupo Religioso Católico	15:00 às 16:00
Grupo evangelístico da Assembleia de Deus (Madureira)	16:00 às 17:00

Durante todo o dia do sábado são entoados louvores, feita a leitura da bíblia, pregado o amor e o arrependimento por todas as denominações religiosas que frequentam o cárcere. O discurso nos parece comum, invocam o arrependimento e apelam para que Deus conceda-lhes o milagre da liberdade, da aceitação familiar e social, da renovação de suas vidas. Notei que muitas detentas choram, ficam pensativas e apelam para que o Deus clamado ouça as suas preces e atenda aos seus pedidos.

Mas, ao mesmo tempo em que algumas detentas entregam-se a espiritualidade buscando o consolo para suas angústias, medos e traumas, outros grupos aproveitam o dia livre¹⁷ para se divertirem jogando vôlei e dominó, caminharem ao sol, lavarem suas roupas pessoais, fazerem suas unhas e cabelos, (demonstrando que o cárcere não lhes tirou a vaidade). Percebi ainda que algumas delas utilizam o dia para “ganharem dinheiro” prestando serviços. Algumas trabalham de manicures e cabeleireiras dentro do presídio atendendo desde outras apenas até mesmo a agentes carcerárias.

Aos sábados, as detentas mais assíduas aos cultos religiosos acordam cedo, tomam banho, enfeitam-se e se oferecem a montar o local onde serão realizadas as celebrações. É um espaço aberto de cerca de quatro metros quadrados que elas ornamentam com um tapete, um

¹⁷Aos sábados, por motivos dos cultos religiosos, as presas ficam soltas pelos pavilhões podendo realizar qualquer atividade mesmo que não seja atividade religiosa.

pedestal, caixa de som, aparelho de cd e microfone, às vezes colocam um jarro com flores, e cerca de quarenta cadeiras plásticas. Percebe-se o prazer no rosto delas ao realizarem esta atividade e prepararem o ambiente “para receber o Senhor¹⁸”.

Dentro do presídio há ainda um muro que separa o presídio em dois espaços distintos, um destinado aos pavilhões com as celas que abrigam as detentas e outro com celas menores que abrigam detentas consideradas de alta periculosidade e que sofrem de alguma forma ameaças contra sua vida dentro do presídio. Geralmente, essas detentas praticaram atos que ganharam repercussão na mídia, cito o caso da *Chacina do Rangel*¹⁹, onde sua ré foi julgada e condenada a 120 anos de prisão. Essa detenta não pode vir ao convívio com as demais detentas sob risco de morte, mas ela não é a única, outras detentas encontram-se no mesmo estado de reclusão interna. Esse grupo também recebe assistência religiosa de todos os grupos, no entanto, não me foi permitido o acesso sob a alegação de que nesse ambiente não eram realizadas celebrações, mas atendimentos particulares a cada detenta.

A seguir, apresentarei os grupos que atuam lá dentro.

2.1.1 Grupo evangelístico da Igreja Assembleia de Deus (Tradicional)

Esse grupo é o primeiro que adentra os muros prisionais na manhã dos sábados, eles chegam às oito horas da manhã, composto por cerca de sete pessoas, em sua maioria senhores e senhoras. Quando cruzam o primeiro portão, a primeira coisa que fazem é observar o quadro de controle do número de detentas. Esse quadro tem cerca de 1m² e nele é colocado a quantidade de detentas que se encontram confinadas naquele dia. Esse número está em constante mudança uma vez que, como afirmei, a todo o momento chegam e saem mulheres. Essa atitude de observação do quadro é comum entre todas as denominações que frequentam o presídio.

¹⁸Essa frase foi utilizada por uma das detentas no momento em que ela arrumava o local de reuniões para celebrações religiosas.

¹⁹A Chacina do Rangel foi um caso que ganhou grande repercussão na mídia paraibana e nacional, ocorrido no dia 09 de julho de 2010, o casal Carlos José e Edileuza dos Santos, assassinaram seus vizinhos, sete pessoas da mesma família, sendo três crianças, foram brutalmente assassinados com golpes de facão sendo alguns deles esquartejados.

Enquanto aguardam a liberação de sua entrada, distribuem folhetos evangelísticos entre os agentes de plantão. Comentam ou perguntam de algum caso em específico. Eu sempre me encontrava com eles ainda no pátio externo e fazia algumas perguntas enquanto observava suas conversas entre si. Nessas conversas percebi que ali se encontravam apenas membros da igreja, mas o pastor nunca havia ido lá, apesar de apoiar o trabalho. Timidamente, dirigi-me a uma senhora do grupo e questionei quais os motivos que os levavam a todo sábado deixarem seus afazeres domésticos e se fazerem presentes ali tão cedo e obtive a seguinte resposta:

É nossa obrigação. Jesus disse: Ide por todo mundo e pregai o Evangelho a toda criatura²⁰. Ninguém quer vir pra cá por que não tem *status*. Ninguém quer pregar pra bandido, marginal. Mas, é nosso dever converter e retirar essas pobres mulheres das garras do maligno que as quer devorar no fogo do inferno (04/06/2012).

A ênfase em suas palavras, a firmeza de seu pensamento parecia reforçar a fala de Jesus ao dizer: “Ide e pregai o evangelho a toda criatura”. O temido inferno estava reservado àqueles que não eram convertidos pela palavra de Deus.

Ao abrirem os portões logo iniciam seus trabalhos com orações de clamor em tom forte de voz, cantam alguns hinos que estão na Harpa Cristã²¹ e depois dividem as detentas em grupos de cerca de seis pessoas para estudarem a Bíblia. Eles fazem algo parecido com uma escola bíblica, deixam textos para serem lidos no decorrer da semana e debatidos no próximo encontro. A frequência das detentas varia, mas aproximadamente 30 mulheres assistem a celebração e participam do estudo bíblico. No discurso dos líderes, frases fortes que remetem a conscientização do pecado e as consequências de viver uma vida “sem Deus”. Um dos hinos mais entoados por eles e que se encontram impressos na Harpa Cristã traz em sua letra uma alusão aos discípulos no mar revolto²² clamando a Jesus:

Oh, mestre o mar se revolta, as ondas nos dão pavor. O céu se reveste de trevas. Não temos um salvador!

Não se te dá que morramos? Podes assim dormir? Se a cada momento nos vemos bem prestes a submergir.

²⁰Versículo bíblico encontrado no livro de Marcos 16:15.

²¹Harpa Cristã é um livro com cânticos muito utilizado em igrejas pentecostais.

²²Essa passagem bíblica pode ser encontrada no livro de Mateus capítulo 8 versículo 24.

Sempre fazem a reflexão que elas representam os discípulos e a cadeia representa o barco à deriva no mar revolto, e que se clamarem Jesus virá em seu favor acalmando o mar.

Eles ainda abordam a questão das vestimentas e das vaidades, alegando que é preciso “simplicidade” para poder alcançar os céus. Entregam folhetos a todas as demais pessoas que não se fazem presentes no culto sempre acompanhados de uma frase do tipo: “Jesus te espera!, Jesus te ama!”. Depois dos cultos eles pedem para que aquelas mulheres que desejam ter uma Bíblia coloque seus nomes num caderno para que eles tentem providenciar, esse trabalho de recolher os nomes é feito semanalmente uma vez que sempre há novas detentas.

2.1.2 Grupo Neopentecostal da Igreja Universal do Reino de Deus

Esse grupo chega ao presídio por volta das nove horas e trinta minutos, sendo composto por cerca de dez pessoas em sua maioria com cerca de quarenta anos. Chegam e tratam de organizar novamente a disposição das cadeiras, testam o som e começam com uma oração de joelhos implorando ao Deus o perdão e a benção para aquele dia, entoam louvores e fazem leituras bíblicas sempre voltadas para a misericórdia de Deus e a conscientização do pecado. Nessa reunião cerca de 30 detentas se fazem presentes. Restringe-se à assistência puramente religiosa.

Enquanto alguns cuidam da celebração propriamente dita, outros saem entregando folhetos bíblicos as detentas que se encontram dispersas. Eles buscam conversar individualmente e falam do plano de Deus para a vida daqueles que se dispõe a segui-lo. Ouvem suas petições e até suas críticas. Fazem orações específicas e particulares e por vezes anotam seus pedidos de orações para levarem até o templo onde congregam.

Quando esse grupo se retira as presas se organizam em filas para receberem o almoço. O mesmo é servido entre onze horas e doze horas e trinta minutos. Depois do almoço, algumas se deitam, outras caminham pelo pátio enquanto aguardam a hora em que o próximo grupo religioso entre. Esse intervalo é relativamente longo e poderia ser utilizado por outro grupo religioso que se interessasse em realizar atividades dentro do presídio, mas encontra-se em aberto por falta de pessoas para realizarem os trabalhos.

2.1.3 Grupo Evangelístico Interdenominacional

O grupo interdenominacional é composto por pessoas de várias denominações (Nazareno, Batista, Betel, Presbiteriana). Adentram o espaço prisional às quatorze horas com cerca de seis pessoas e concentra o maior número de adeptas, cerca de sessenta. Antes de o líder começar o culto propriamente dito uma senhora traz as notícias públicas sobre os outros presídios. Rebeliões, brigas, chacinas, recados, tudo é ouvido com muita atenção e tensão. O medo de uma notícia ruim paira no ar. Mas, quando tudo está bem agradecem em alta voz a Deus por ter abençoado mais uma semana.

Seu líder é um jovem de aproximadamente 35 anos muito extrovertido e dinâmico, realiza cultos com muitos louvores, todos eles com letras voltadas para o perdão e o arrependimento e em todos os discursos percebe-se o apelo para conscientização do mal cometido e a esperança de uma nova vida que, segundo ele, só pode ser encontrada em Jesus.

Esse grupo além de prestar culto e assistência religiosa, suprimindo necessidades básicas materiais e até psicológicas, faz um trabalho de comunicação entre presídios levando e trazendo notícias e cartas entre apenados, essas cartas são lidas antes da entrada e da saída do presídio por um agente carcerário que determina se a carta pode ou não ser encaminhada ao destinatário. Segundo a agente carcerária, é comum que essas cartas comportem mensagens religiosas.

2.1.4 Grupo Religioso Católico

O grupo católico é composto por três pessoas apenas, sendo um homem e duas mulheres, o padre responsável pela pastoral carcerária mora na cidade de Guarabira²³ e alega a distância como o motivo pelo qual não pode se fazer presente. Segundo os líderes do grupo católico, a maior dificuldade que eles sentem é a falta de apoio da pastoral carcerária porque nenhum padre se dispõe a acompanhá-los e existem alguns rituais que somente o padre poderia realizar como confissões e consagração da hóstia.

Esse mesmo grupo faz esse trabalho nos presídios masculinos. Dizem que fazem por amor aos detentos. Tratam-nos com amor e respeito, segundo os integrantes já realizam o trabalho a mais de oito anos e já presenciaram coisas horríveis. Segundo seu líder:

²³Guarabira é uma cidade do brejo paraibano a cerca de 90 km de João Pessoa.

Nós estávamos lá no Róger numa das rebeliões. Os detentos estavam irritados com o descaso da polícia. Queriam vistas aos seus processos, queriam melhores acomodações, essas coisas que preso pede mesmo... mas, eles nos tranquilizaram. Colocaram a gente numa cela lá no fundo e disseram que a gente não tivesse medo por que ninguém ia mexer com a gente. Eu só ouvia o barulho dos tiros. Deu medo, mas a gente sabia que eles não iam fazer mal a gente (Marcos, 04/06/2012).

Ele afirmava em seu discurso que os prisioneiros mantinham respeito por eles por que eles²⁴ eram as únicas pessoas que os reconheciam como gente, que não julgava a vida deles pelos crimes cometidos.

O presídio abre os portões para a entrada desse grupo às quinze horas e eles se subdividem. As mulheres levam imagens de Santa Maria e realizam uma celebração, na qual é rezado o terço, geralmente acompanhados por poucas detentas, cerca de quinze, enquanto que o homem concentra seu trabalho na movimentação dos processos, chamados por elas de VEP (Vara de Execução Penal). Neles estão contidos os delitos cometidos e todas as movimentações judiciais, inclusive datas de julgamentos e decisões judiciais de algumas apenadas, esclarecendo-as sobre os procedimentos judiciais que estão sendo tomados. Esse trabalho é tão importante para elas que até eu me envolvi com seus pedidos e passei a levar todos os sábados cerca de 50 VEP's para dar andamento.

2.1.5 Grupo evangelístico da Assembleia de Deus (Madureira)

Esse grupo é responsável por fechar os trabalhos na tarde de sábado e é composto por cerca de quatro pessoas todas de idade acima de sessenta anos. Às dezesseis horas eles começam a sua celebração que é bem parecida com a celebração da manhã. Orações em tom de voz forte, entrega de folhetos, leituras bíblicas, entoação de louvores da Harpa Cristã e entrega de folhetos. No entanto, fazem parte de um ministério denominado Madureira, onde os costumes tradicionais, o rigor no cumprimento da doutrina dos usos e costumes²⁵ e as restrições inerentes a vaidade norteiam seus membros. Não gostam de terem sua doutrina

²⁴O “eles” referido não é apenas o grupo religioso da Igreja Católica, mas a todos os grupos religiosos que trabalham dentro do cárcere.

²⁵ A Assembleia de Deus, tem o hábito de inserir como doutrina os usos e costumes, por meio dos quais restringe mais a liberdade das mulheres em questões de vestimenta, cabelo e maquiagem. A igreja diz que o uso de determinadas roupas e cortes de cabelos, por exemplo, é vaidade. De igual modo, há também restrições quanto ao uso de aparelhos de televisão e rádios.

comparada a do outro grupo, pois segundo eles, o outro grupo é mais dinâmico e complacente com a vida e a postura religiosa que algumas detentas que se dizem religiosas assumem. Para esse grupo, aquela que se disser crente tem de viver efetivamente o sentido religioso da palavra desde as vestimentas até as palavras e ações. Nesse momento cerca de vinte detentas assistem ao culto que termina às dezessete horas.

Às dezessete horas e quinze minutos é feito o toque de recolher e todas as detentas necessitam voltar para cela em dez minutos. Nesse tempo, entre as dezessete horas e a hora de voltar para as celas, as detentas se entre ajudam a guardarem todo material que foi utilizado no decorrer do dia para realização das celebrações religiosas. Em pouco tempo não vemos mais nenhuma detenta solta pelo pátio e o vazio frio daquele local se acentua.

2.3 Outras funções da religião no presídio

As ações das igrejas dentro dos presídios vão além de pregar a palavra e louvar a Deus, elas ultrapassam as limitações religiosas tradicionais e adentram em espaços sociais suprimindo por muitas vezes necessidades financeiras, assistência social e interferência jurídica.

Bourdieu (1998) afirma que a religião vai além de uma demarcação propriamente religiosa visto que ela cumpre também funções sociais, numa tentativa de justificar os motivos que as levaram à prisão.

Se a religião cumpre funções sociais, tornando-se, portanto, passível de análise sociológica, tal se deve ao fato de que os leigos não esperam da religião apenas justificações de existir capazes de livrá-los da angústia existencial da contingência e da solidão, da miséria biológica, da doença, do sofrimento ou da morte. Contam com ela para que lhes forneça justificações de existir em uma posição social determinada, em suma, de existir como de fato existem, ou seja, com todas as propriedades que lhes são socialmente inerentes (BOURDIEU, 1998, p.48).

Como já afirmei, no âmbito religioso, grupos se revezam para prestar essa assistência no Centro de Reeducação Feminina Maria Júlia Maranhão, mas apenas grupos cristãos (evangélicos e católicos). Segundo Dias (2005):

O grupo religioso é apresentado ao indivíduo, como o refúgio solidário e moralmente forte, que assegura a manutenção dessa estrutura de plausibilidade fornecida pelo discurso evangélico (DIAS, 2005, p.162).

Frequentando os cultos religiosos as detentas parecem entrar em êxtase e colocar “para fora” aquilo que as tem oprimido. É comum durante as orações e canções entoadas perceber lágrimas em enxurrada a escorrer pelos seus rostos, numa atitude introspectiva de entrega e confissão acredita-se perdoadas e passíveis de transformação pelas mãos de Deus. Percebo no semblante de algumas que, assiduamente frequentam os cultos, sorrisos tímidos que se misturam com lágrimas como numa atitude de agradecimento a Deus por acreditarem-se libertas do “mal”. Em seus testemunhos, a certeza de que a liberdade virá junto com a providência divina e que depois do “encontro com Deus” passarão a ser vistas como criaturas modificadas pela graça e misericórdia celestial. Em sua maioria, as detentas que frequentam os cultos relacionam-se melhor com suas companheiras penais e com a administração carcerária, uma vez que passam a considerar-se irmãs umas das outras, filhas do mesmo pai celestial e misericordioso.

De outro lado está o detento que precisa da igreja para ajudá-lo materialmente, porque não tem dinheiro, encontra-se recluso e o presídio não lhes oferece ajuda financeira para custear despesas com advogados particulares²⁶, complementação da alimentação²⁷, aquisição de produtos de higiene pessoal²⁸, compra de medicamentos²⁹ e, no caso específico do presídio observado, ainda há despesas financeiras com manicure e cabeleireira (que também são detentas e comercializam seus serviços)³⁰.

Essa ajuda material ofertada pela igreja atrai algumas daquelas mulheres que freqüentam os cultos religiosos com intenção de beneficiar-se de alguma forma. Pedem ajuda

²⁶ Os detentos preferem recorrer a advogados particulares que a defensores públicos uma vez que os mesmos são vistos pelos detentos como morosos no andamento dos processos.

²⁷ A alimentação servida no presídio é um dos motivos que mais geram conflitos internos uma vez que os detentos reclamam da qualidade e quantidade de alimento servido. Em relatos colhidos durante a pesquisa detentas explicitavam que o café da manhã era composto apenas de um pão de sal com manteiga e um copo de café, nunca era servida uma fruta ou biscoito e não havia direito de repetir. Dentro do presídio funciona ainda uma espécie de comércio de alimentos, onde famílias de algumas detentas trazem, durante as visitas, alguns itens em maior quantidade para que possa ser comercializado. Os itens que mais observamos a compra interna foram macarrão instantâneo, biscoitos com recheio, refrigerantes. Segundo relatos das mesmas detentas ainda há outra forma de compra do alimento desejado, nas terças feiras elas fazem uma lista de produtos que desejam e anexa o dinheiro disponível para a compra dos mesmos, entregando-os a um agente carcerário que realiza a compra em um supermercado. Cada detenta paga dois reais pelo serviço prestado pelo agente carcerário.

²⁸ Segundo as detentas, é dado a elas um sabonete e um pacote de absorvente por mês, outros produtos como desodorante, perfume, shampoo, condicionador, hidratante corporal, cotonete são *artigos de luxo* e só tem acesso a eles se comprarem ou se alguém lhes ofertar.

²⁹ Apesar de o presídio ter uma enfermeira de plantão durante oito horas por dia, falta alguns medicamentos em casos de necessidade. Elas ainda ironizam quando se referem ao atendimento médico ou farmacológico dizendo que só podem adoecer durante as oito horas em que há alguém de plantão e se por acaso sentirem algo à noite tem de recorrer às amigas de cela.

³⁰ Ainda há também, segundo relato de algumas detentas, a comercialização de cigarros e drogas ilícitas no interior do presídio.

de todas as formas, psicológica, jurídica, espiritual, financeira, familiar e dentro das possibilidades, os religiosos buscam ajudá-las. Os grupos religiosos que frequentam o cárcere além de pregarem a palavra de Deus e prestar a assistência espiritual necessária pelas detentas ainda suprem necessidades básicas, vindo por vezes a exercerem assistência jurídica.

Numa das minhas idas ao Fórum Criminal³¹ para dar continuidade à pesquisa, encontrei uma das líderes do grupo católico à espera de uma audiência com o juiz para tratar de assuntos referentes a detentos dos diversos presídios aos quais ela visitava e tentar dar maior agilidade aos processos. Ela assim nos disse:

Eu já sou conhecida aqui, o juiz toda vez que eu entro já sabe que vou tratar de assunto de preso. Alguns deles, coitados, não têm ninguém que veja essa parte deles, a família não sabe resolver (...) se você visse o tanto de preso que já cumpriu a pena e ainda está preso é um absurdo. Eu ajudo, faço a minha parte e sei que Deus me recompensa por isso.

Toda essa assistência proporcionada pelos religiosos é vista de forma positiva pelas detentas, sejam elas religiosas ou não, e a maioria delas relata que já necessitou, de alguma forma, da interferência religiosa em suas vidas dentro da prisão.

O detento busca a religião (ou os grupos religiosos) numa tentativa de suprir vazios deixados pela ausência da família, descaso do poder público, para citar apenas dois deles. Eles precisam da cura da doença por meio sobrenatural, precisam de entretenimento porque lá na igreja envolve o seu tempo com atividades de culto, goza de maior prestígio social em suas relações com outros detentos, incrementa seu *status* social porque fala ao microfone, canta, dá testemunhos, dá conselhos aos outros, redefinindo-se frente aos outros como um ser transformado e não mais moralmente marginalizado. Precisam ser ouvidos, precisam de assistência em todas as formas que ela se apresente.

De uma forma geral, as ações dessas igrejas dentro do cárcere vão além dos muros espirituais, perpassam obstáculos e oferece-lhes além de assistência material (algumas detentas não recebem visitas de familiares e alguns produtos de higiene pessoal e alimentação são providenciados pelos religiosos através de ofertas de outras detentas ou de campanhas feitas nas congregações para arrecadação de materiais), servem como redes de comunicação das detentas com o mundo exterior.

Ao serem questionadas sobre a questão de dízimos e ofertas, surpreendemo-nos com o depoimento de uma das detentas:

³¹ Fórum Criminal Osvaldo Trigueiro Albuquerque Melo localizado em João Pessoa – PB.

Nós damos o que está sobrando, algumas dão dinheiro que serve para que eles (os religiosos) possam manter o trabalho aqui, outras colocam no envelope uma pasta ou um sabonete, o que tiver, daí eles recolhem e já levam para outro presídio que está precisando... a gente se ajuda (Kátia, 27 anos).

Ao mesmo tempo em que a religião expressa no cárcere lhes apresenta esse Deus que se denomina amor³², ela representa para algumas das detentas a oportunidade de suprir outras necessidades tão fortemente acentuadas dentro da prisão, o acesso a bens materiais que a prisão não dispõe, uma vez que os religiosos disponibilizam, para as necessitadas, materiais de higiene pessoal, alimentos diversificados, auxílio nas questões processuais, interligação de comunicação entre os presídios, assistência psicológica entre tantas outras coisas. Para algumas delas, a religião dentro do presídio representa a assistência familiar, a assistência financeira, antes mesmo da assistência espiritual propriamente dita.

2.4 A religião como luz no fim do túnel

O fato de se entregarem a uma religião e buscarem auxílio num Deus que não discrimina está contido no discurso propagado pelas igrejas dentro do cárcere. Os que se sentem abandonados, os órfãos e peregrinos, devem saber que seus direitos são direitos de Deus (cf. Dt 10; Jr 22:15; Pr 22:22-23).

A religião exerce papel fundamental na reintegração das detentas na sociedade, pois oferece e passa a assumir uma ação terapêutica onde um relacionamento de amor com Deus pode motivar hábitos saudáveis, gerar relações de apoio e solidariedade e também produzir sentimentos e emoções poderosos para combater enfermidades, sejam elas físicas ou espirituais. Essas sensações procuram despertar aquilo que o presídio não consegue oferecer, que é liberar entre aqueles prisioneiros, um sentimento acolhedor, oferecendo proteção e conforto espiritual, ajudando-os a suportar as limitações impostas pelo cárcere.

Quando questionadas sobre a importância do trabalho religioso dentro do presídio, ouvimos depoimentos tão profundos que palavras escritas seriam incapazes de transcrever, tentaremos ainda que de maneira insuficiente reproduzir o sentimento expresso em cada palavra e cada olhar das entrevistadas. O culto religioso para a maioria delas é uma forma de

³²Texto encontrado na epístola de I João 4 versículo 8.

alcançarem a paz, a liberdade e a alegria, segundo elas quando estão no culto tem uma sensação de alívio, por que naquele momento elas deixam de ser marginais para serem filhas de Deus acolhidas pelos braços do pai celestial. Um dos depoimentos colhidos apresenta:

Nem sei dizer direito o que sinto, o sábado é o melhor dia aqui, parece que é o dia que Deus vem nos visitar. A gente se sente mais perto do céu e até esquece as coisas ruins que a gente vive aqui... (Natália, 21 anos).

A religião que permeia o cárcere tenta incutir em seus adeptos a necessidade de uma relação espiritual com o Deus supremo, pois abandonados e não tendo ninguém para socorrê-los são socorridos pelo próprio Deus (BOFF, 2005, p.43). O fiel vê em Deus seu consolo, a sua justificativa, buscando no céu aquilo que ele espera que é o perdão e a esperança na consequente aceitação pela sociedade que a subjugou.

Numa tentativa de recuperar a dignidade e a confiança em si mesmas, muitas detentas encontram na espiritualidade, nessa relação com o Sagrado, o suporte que as ajudará a suportar os limites impostos pelas grades prisionais. As detentas sentem-se abandonadas pela sociedade e humilhadas pelo sistema que determina tudo que acontecerá por trás dos muros prisionais, sua alimentação é pré-estabelecida, suas leituras censuradas e sua privacidade a todo tempo invadida. Para todas essas dificuldades Deus parece oferecer soluções, sendo buscado em suas orações, apelando por socorro divino e vivenciando experiências espirituais profundas. O relato de uma detenta nos emociona:

Só Deus pra fazer a gente suportar isso aqui, se existe inferno é aqui. Eu choro toda vez que me lembro que eu podia tá em casa com meus filhos, mas eu cá aqui. Oh, meu Deus me ajude a sair daqui logo, pelo amor de Deus! (Fátima, 40 anos).

Muitas detentas que frequentam os grupos religiosos dentro do presídio se sentem transformadas e dispostas a mudar suas condutas. Ao viverem uma experiência espiritual com Deus se sentem protegidas e não mais seres solitários. Elas acabam redescobrimdo outro eu interior capaz de suportar os sofrimentos impostos pelo cárcere. Atribuindo a Deus a responsabilidade de cuidar de sua estada no presídio, dando conforto e coragem para transformar as situações difíceis.

Leonardo Boff nos explica que:

Espiritualidade é a transformação que esta mística produz nas pessoas, na forma de olhar a vida, no jeito de encarar os problemas e de encontrar soluções (BOFF, 2005, p.28).

A pessoa que tem essa intimidade espiritual com o Divino, para BOFF, se sente seguro em seus passos, essa vinculação íntima que existe desde o princípio entre o desejo e a possibilidade de decifrar a existência em seu sentido transcendente. Para esses prisioneiros, socialmente marginalizados, resta apenas a fé em um Deus que possivelmente os amparará nesses momentos em que o ser experimenta a solidão e a alma se vê invadida por sentimentos de perplexidade e desamparo.

Como temos tratado durante todo o texto, a pena de prisão traz consigo um conjunto de elementos de coerção exercida tanto de forma psicológica como física. Os detentos são considerados pela sociedade excludente como marginais, bandidos, seres desumanos sem condições de ressocialização.

Para Durkheim (2000):

O fiel que se põe em contato com seu Deus não é apenas um homem que percebe verdades novas que o descrente ignora, é um homem que pode mais. Ele sente em si mais força, seja para suportar as dificuldades da existência, seja para vencê-las. Está como que elevado acima das misérias humanas porque está elevado acima de sua condição de homem; acredita-se salvo do mal, seja qual for a forma, aliás, que concebia o mal (DURKHEIM, 2000, p.459).

Como explica Durkheim na citação anterior, o fiel está como que elevado acima de suas misérias humanas, sejam elas dentro ou fora dos presídios, à religião assume papel fundamental na vida do detento quando ele sente em si mais força para enfrentar as dificuldades dentro do presídio ou fora dele, e acredita-se salvo do mal, cuja maldade é representada pelos riscos que são apresentados nesses lugares.

A experiência religiosa/espiritual pode provocar mudanças na vida dos detentos, pois eles conseguem enxergar uma luz no fim do túnel, uma oportunidade de reconquistar a dignidade há tanto tempo perdida. Essa função “terapêutica” que a espiritualidade exerce na vida dos detentos, ajuda-os a enfrentarem diariamente os obstáculos que se lhes apresentam no cárcere.

Ser religioso dentro do cárcere, além de benefícios espirituais traz também vantagens cotidianas. Assumir-se como religiosa dentro do presídio parece garantir um sentimento familiar de umas com as outras, substituindo os laços familiares perdidos. As apenas buscam consolo para suas inquietações, dores, traumas, medos e incertezas e encontra esse apoio na religião, que de certa forma busca devolver-lhes o sonho, a esperança em dias melhores. Como afirma Betto (2005, p.14), “um homem privado de bens essenciais à vida pode não ter condições de perseguir suas utopias”.

Em suma, sejam através de cultos, missas, orações, leituras bíblicas, promessas, imagens de santos, ou atitudes os detentos conseguem suprir a necessidade de se sentirem úteis, amados e respeitados e essa experiência eles encontram quando buscam a espiritualidade através do contato com a religião dentro do cárcere, pois estão certos do amor e do perdão de Deus. A espiritualidade restitui-lhes a dignidade e a plenitude da vida mesmo na prisão.

Para todos aqueles que compõem o cárcere (agentes penitenciários, administradores, e até algumas detentas) a religião dentro do presídio assume um papel de suma importância para resgatar os valores e a autoestima das encarceradas uma vez que perpassa o lado físico e envereda pelo espiritual tentando fazer o que o termo *Religare* representa que é o *ligar de novo*. Àquelas que se predispõem a viver uma vida santificada segundo as palavras e orientações do mestre Jesus Cristo tem, na visão da instituição, maiores chances de reingressar na sociedade e de não serem reincidentes criminais.

É através da religião, desse contato com o divino, da fé e da devoção que muitas detentas têm encontrado subsídios para manterem-se firmes e esperançosas no futuro vindouro. No cárcere, algumas detentas encontraram a oportunidade de refazer suas vidas através da entrega pessoal ao Cristo pregado pela religião cristã e transparecem serenidade em suas palavras e ações confortando espiritualmente as demais detentas que ainda não experimentaram dessa experiência. Questões de fé, espiritualidade e transformação pela religião será o foco do capítulo seguinte onde destaco um grupo de mulheres que se acreditam transformadas pela fé e que têm feito a diferença dentro do cárcere feminino em João Pessoa.

CAPÍTULO 3 - A VIDA RELIGIOSA DAS ENCARCERADAS

Cada vez que minha fé é provada, Tu me dás a chance de crescer um pouco mais. As montanhas e vales, desertos e mares, que atravesso me levam pra perto de Ti. Minhas provações não são maiores que o meu Deus, e não vão me impedir de caminhar. Se diante de mim, não se abrir o mar, Deus vai me fazer andar por sobre as águas... (trecho do hino Rompendo em fé, muito cantado nas celebrações dentro do presídio)

Durante todo o texto tenho concentrado minhas reflexões na religião como âncora e porto seguro para aquelas que se encontram em situação de reclusão. Os grupos religiosos que atuam no cárcere feminino paraibano têm buscado dar esse suporte espiritual às detentas, e algumas delas, por sua vez, retribuem com testemunhos de fé e transformação espiritual. São relatos diversos, carregados de sofrimento, dores e angústia, mas são também palavras de superação. A religiosidade devolveu a algumas dessas mulheres a dignidade outrora perdida e o reconhecimento dessa mudança vêm por parte de todos que convivem ao seu redor. Destacamos aqui nesse capítulo um grupo de mulheres que através de sua prática religiosa tem conseguido superar os dias sombrios do cárcere e recuperar a esperança (delas mesmas e das demais detentas) em um futuro promissor pós prisão.

3.1 Seguindo os passos do cristianismo – Mulheres transformadas pela fé

Nesta parte do texto concentrarei as reflexões num subgrupo que se destaca entre aquelas que frequentam as celebrações. São aquelas consideradas entre elas, *crentes de verdade*³³, aquelas que vivem a religião cotidianamente. Para as detentas esse grupo diferencia-se das demais mulheres que frequentam os cultos religiosos, pois vivem a religião independente de grupos, vivem-na cotidianamente, enquanto que, segundo elas mesmas, as demais mulheres só a vive no sábado, dia destinado ao Senhor.

Esse grupo, denominado *crentes de verdade* é composto por cerca de 12 detentas que se reúnem na hora do banho de sol, geralmente depois do café da manhã entre 8:00 e 9:00 para fazerem suas orações. Não se caracteriza um culto, mas uma oração em conjunto, uma

³³Essa expressão foi utilizada por uma detenta que lidera os trabalhos dentro do cárcere na ausência dos grupos religiosos.

leitura bíblica e um cântico. O tempo é curto, outros afazeres necessitam ser feitos durante este período. Esse período é aproveitado pelas detentas para colocarem suas roupas no sol, conversar com detentas de outras celas ou pavilhão e até mesmo para se divertirem numa partida de vôlei ou futebol.

Dentro das celas elas se comunicam com aquelas que se encontram em celas circunvizinhas, combinam qual hino devem cantar e quem vai fazer a celebração no dia seguinte. Geralmente, essas detentas são “conselheiras” das demais que as procuram para ouvirem orientações ou para receberem orações particulares. Débora, 25 anos, assim nos falou:

Eu tava com uma dor de cabeça horrível, não tinha nada que passasse. Tomei remédio, chá e nada. Aí eu pedi para Linda fazer uma oração na minha cabeça. Menina, foi assim, na hora a dor de cabeça foi embora. Parecia milagre! (Débora, 25 anos).

Rosana, 29 anos, em sua entrevista também se remeteu as componentes desse grupo:

Às vezes eu tenho muitas dúvidas sobre o que eu devo fazer da minha vida. Meu marido foi assaltar uma loja e levou um tiro, foi para o Trauma³⁴, ficou paralisado em cima de uma cama, eu já tava presa aqui. Eu queria fugir pra cuidar dele e pra me vingar do malandro que fez isso com ele. Mas, as meninas me dão tanto conselho pra perdoar, pra entregar nas mãos de Deus... Às vezes acho que elas têm razão (Rosana, 29 anos).

Os conselhos e orações feitos pelo grupo são reconhecidos pela maioria das detentas. No semblante das participantes notamos uma tranquilidade não característica às confinadas. A aceitação da pena, a certeza do perdão de Deus e a fé num amanhã mais harmonioso parecem transparecer pelos atos e olhares delas.

Quando a noite chega, o jantar é servido e as detentas recolhem-se ao seu confinamento. Umas ligam a TV e vão assistir novelas, telejornais. Outras simplesmente deitam-se e fecham seus olhos como se numa expectativa de o sono trazer-lhes o que a realidade lhes tomou. Nesse momento, o mesmo grupo de 12 mulheres se dirige as portas de suas respectivas celas e começam uma celebração ao Senhor. Por entre as grades, elas oram, louvam, lêem a Bíblia e agradecem a Deus pela sua misericórdia para com elas. Pedem ainda proteção para sua estada no presídio, para seus familiares e para todas as pessoas que se encontram em situação semelhante à delas, confinados em prisões. O que mais surpreende é

³⁴Hospital de Emergência e Trauma Senador Humberto Lucena, hospital público situado em João Pessoa.

que apesar do “barulho” que elas provocam, ao lerem a bíblia ou entoarem seus cânticos, as demais detentas tem um senso de respeito para com todas elas e não parecem se incomodar.

Existem alguns estudiosos que fazem reflexões sobre a veracidade das conversões no cárcere, segundo DIAS, 2005:165, *há entre os detentos, uma suposta ausência de sinceridade na sua devoção religiosa*. Ela continua:

Os evangélicos são extremamente mal vistos pelos demais presos, desacreditados, considerados indignos de pertencerem ao mundo do crime. Os crentes são afastados da massa carcerária por ter violado algum de seus códigos; é a massa carcerária que não quer se contaminar permanecendo próxima dos indivíduos que se tornam crentes. (2005:172)

Mas, no decorrer desta pesquisa a realidade encontrada confronta-se com as afirmações da mesma, uma vez que o grupo de mulheres consideradas “crentes de verdade” dentro do presídio Maria Júlia Maranhão, era extremamente bem visto tanto pelas demais detentas como pela própria administração carcerária e conviver ao lado destas mulheres representava para a maioria das detentas uma segurança de que o Deus pregado e vivido por elas estaria de prontidão ao socorro e ao auxílio de todos aqueles que clamassem por Ele.

Todas as integrantes desse pequeno grupo reconhecem seus crimes, nenhuma delas se assume inocente. Refletem as estatísticas brasileiras, oito delas foram presas por tráfico de drogas, duas por crime contra o patrimônio público, uma por ser cúmplice de latrocínio e outra por homicídio. Não demonstram revoltas ou tristezas pelo fato de estarem presas, acreditam-se acertando as contas com a sociedade. Vêem a prisão como uma oportunidade que Deus lhes concedeu para se aproximar dele. Conforme depoimento de Angélica, 32 anos:

Quando a gente não vai a Deus por amor, vai pela dor. Eu tinha um chamado pra trabalhar na obra Dele e de qualquer jeito Ele ia me buscar. Aconteceu aqui na prisão. Quando eu sair, daqui a nove meses, vou viver uma vida diferente. Uma vida para Deus (Angélica, 32 anos).

O lado dramático da vida dessas detentas cede espaço ao lado espiritual. E esse lado reconhece Deus como um ser bom e misericordioso, que ensina o caminho pelo qual deve se andar corretamente. A experiência delas com Deus foi a partir do pecado, da fragilidade

humana, o que poderia tê-las afastado totalmente Dele, mas, na realidade, foi o caminho para que elas se achegassem a Ele. Quanto mais próximos de Deus, mais humanizados nos tornamos. Segundo Boff (2010):

Humanizar-se, não na concepção moderna, no sentido de mais virtuoso, brilhante, bem-sucedido... Humanizar-se é também a capacidade de ser frágil, poder chorar, sentir o outro, ser vulnerável e, ao mesmo tempo, ter vigor, lutar, resistir, poder traçar caminhos (BOFF, 2010, p.148).

Essas mulheres declaram-se transformadas pela fé, e a essa mesma fé atribuem a força e a ternura para com o outro. A força para suportarem todos os obstáculos que o cárcere lhes impõe e a ternura para abraçarem e acolherem aquelas que ainda não conseguiram alcançar tal dimensão espiritual.

Os muros podem as privar da liberdade, mas a fé lhes dá asas para voar e encontrar sentido no caos. É no religioso que as pessoas alinhavam os seus sonhos e expectativas, é no religioso que depositam suas esperanças e encontram respostas para suas inquietações. Nos porões da sociedade encontra-se a prisão, um lugar caótico, desumano, frio, um lugar caracterizado pelo descaso e esquecido pela sociedade. Nessa prisão, homens e mulheres lutam para manterem um pouco de dignidade, para se manterem vivos sentimentalmente, psicologicamente, espiritualmente. Como encontrar Deus nesse cotidiano? Como encontrar fé diante das montanhas que se apresentam à frente?

A resposta talvez venha numa frase contida no hino que coloquei na epígrafe deste capítulo: *se diante de mim não se abrir o mar, Deus vai me fazer andar por sobre as águas...* A fé é o sentimento que impulsiona essas mulheres a lutarem, a não se abaterem diante das dificuldades impostas pelo cárcere. A fé é que determina que Deus está em todos os caminhos, em cada adversidade, em cada coração.

Nessa minha experiência dentro do presídio pude perceber os efeitos que a religião ou a religiosidade causou em algumas detentas. Depoimentos emocionados de fé e esperança em um Deus que as resgatou do *fundo do poço*³⁵ traziam em seu contexto o desejo de mudança que havia se instaurado nas suas vidas. As incertezas de um futuro pós-prisão se contradiziam com a fé de que Deus cuidaria de sua reintegração social. A fé as impulsionavam a viver uma vida de dedicação àquele que as libertou de todo mal. Agora, acreditando-se salvas, não temiam nenhum mal porque tudo era providência de Deus.

³⁵ Expressão utilizada por algumas detentas ao se referirem a Deus como seu Salvador.

3.2 Sobre as demais mulheres

O contrário do medo não é a coragem, é a fé (BETTO, 2010;82). O frio penitenciário, a ausência de esperança, o medo de permanecer ali muitos anos, e até o medo de sair. Amores perdidos, amores bandidos, família, amigos, liberdade. Nos olhos das detentas reflexos de sentimentos e sensações indescritíveis para quem não conhece o que é estar preso.

Priva-se não apenas da liberdade, do direito de ir e vir. Priva-se principalmente a vida, no sentido mais amplo da palavra, no sentido de viver e não apenas de existir. As mulheres com as quais eu convivi durante a realização da pesquisa, deixavam claramente transparecer esse anseio por vida. Lágrimas, olhares perdidos no horizonte, o silêncio traduzido pela dor expressa nos seus semblantes, o sorriso, que ainda tímido remetia-as as lembranças de uma vida que, mesmo difícil, era melhor do que a atual. São tantos momentos, tantas reflexões. No momento das celebrações religiosas a fragilidade dessas mulheres se acentua, a certeza de estar sendo ouvida por Deus, a fé diante de todas as limitações, a esperança no futuro eram a todo o momento celebradas.

A religião para a maioria delas representava reencontro com a humanidade, porque era através dela que se sentiam humanas, dignas, valorizadas. Essa humanidade que a maioria não experimentou na vida de libertas, pois ao enveredar-se pelo mundo do crime deixaram pelo caminho valores, sentimentos, sonhos, esperanças.

A busca de conforto por intermédio da religião desperta nelas esse sentimento de fé e esperança, por que acreditam que Deus conhece o íntimo de seus corações e atenderá as suas súplicas, por que embora privadas da liberdade têm a alma livre e o “pecado”, de forma geral, as iguala à todos, e, para Deus todos são iguais³⁶. É o que nos diz Vanessa, 21 anos:

Quem não pecou? Prá Deus não existe “pecadinho ou pecadão”, contar uma mentira é pecado do mesmo jeito que matar alguém também é. O que colocou a gente aqui dentro foi à lei da justiça, e não Deus. Se Deus fosse fazer cadeia pra todo mundo que pecasse tava todo mundo preso (Vanessa, 21 anos).

³⁶Referência ao versículo bíblico encontrado no livro de Romanos 2:11.

Vanessa compreende o pecado como um erro comum a todos, no entanto passível do perdão de Deus. E é esse perdão que muitas delas buscam ao frequentarem os grupos religiosos, sentir-se perdoada por Deus parece-me que as alivia e as tornam mais fortes para lidar com os obstáculos que se apresentam lá dentro sejam eles de origem estrutural, física ou psicológica. Essa sensação de libertação através do perdão divino leva as detentas a refletirem sobre suas necessidades, quais delas querem satisfazer e quais pretendem renunciar. Grun, (2006) nos afirma:

Quando o religioso ou a religiosa se sente interiormente livre, defronta-se com a tarefa de lidar adequadamente consigo mesmo e com seus impulsos. Por isso, deve aprender a admitir suas necessidades e depois decidir livremente a quais necessidades quer satisfazer e a quais necessidades quer renunciar. Muitas vezes desaprendemos na vida religiosa a perceber nossas necessidades e a lidar com elas livremente. Pode acontecer que na ideologia da ordem ou congregação as necessidades sejam negadas ou que nem devam existir (GRUN, 2006, p.16).

Essas necessidades não são apenas de alimentos, vestimentas ou utensílios, elas perpassam por outros campos. No campo prisional, é a necessidade de ser ouvida, de ser aceita, de sentir-se amada. E são as sensações de liberdade, de perdão, de igualdade proporcionada pela busca religiosa que amenizam o frio estrutural que aquele local representa. Tudo aquilo que ajuda a amenizar o sofrimento que o cárcere estabelece é visto de bom grado entre as detentas.

Num universo de mais de 300 mulheres, um número pequeno mereceu destaque na pesquisa, cerca de apenas 60 delas. Essas eram as que frequentavam as celebrações religiosas. Os motivos os quais as levaram a frequentá-las eram diversos e por vezes desconhecidos. Nitidamente, no entanto, era que todas elas estavam ali em busca de alguma coisa.

Nas entrevistas feitas durante a pesquisa depoimentos se opõem:

É bom assistir os cultos, a gente vê gente diferente. Vê homem. E eles até ajudam às vezes. Eu pedi pra conseguirem pra mim um chinelo, que o meu tinha quebrado, e eles conseguiram. Eu não sou crente não, mas venho por que é melhor do que não fazer nada (Roberta, 19 anos).

Ave Maria, é bom demais o sábado! Eu me converti aqui dentro e nunca mais vou deixar meu Jesus. É Ele que me dá força e que me entende. Ele mudou minha vida, eu não volto mais pr'aquela vida não! Quando eu sair daqui tenho fé em Deus de nunca mais voltar! (Sandra, 37 anos).

A religião pregada dentro do presídio vai além de placas denominacionais, ela busca levar às encarceradas a esperança, o socorro e o auxílio de um Deus que tem por principal característica o amor. A descoberta desse Deus, é a descoberta de si próprio, dos seus limites, das suas dúvidas, dos seus medos. Descobrir esse Deus é descobrir sua própria consciência, é encontrar dentro de si mesmo a coragem para penetrar nos porões interiores e reconciliar-se consigo e com a sua condição humana. É o que Grum (2006), chama de *amadurecimento* e para ele:

Para cada religioso e religiosa, o processo do amadurecimento exige descobrir sempre mais sua própria consciência, para sentir o que é coerente para si e o que coloca em relação com a imagem que Deus faz dele ou dela. E ainda, a convivência numa ordem ou congregação não pode dispensar da tarefa de descobrir e viver o próprio eu (GRUN, 2006, p.17).

Esse Deus, pregado e vivenciado por algumas, abre caminhos para conhecerem a si mesmos, conhecerem sentimentos que muitas vezes foram oprimidos ou ofuscados pelo brilho utópico que o crime lhes apresentou. É a esse Deus que as detentas recorrem nos momentos de desespero, de dor, de desilusão. A religião adota nesse contexto uma função introspectiva que as auxilia a olhar com honestidade os lados sombrios e reconciliar-se com eles, parafraseando Jung. Dentro do cárcere, a descoberta de Deus é um desafio, “e a religião deve ajudar-nos a descobrir Deus dentro de nós” (BOFF, 2010, p.133).

Mas essa religião não significa apenas frequentar celebrações religiosas, significa ter experiências profundas com esse Deus. Não é apenas falar de um Deus, mas, deixá-lo falar dentro de si. Não é um Deus que vive no céu rodeado de anjos, sentado em seu trono celestial conforme se apresentava nas figuras ilustrativas. É um Deus vivo que habita no meio de seu povo e os auxilia. É um Deus que, segundo a Bíblia, fez-se carne e habitou entre nós³⁷.

No meio das detentas, sentimentos mistos, espiritualidades diversificadas. No entanto, convergem quando se vêem expostas as mesmas experiências, aos mesmos muros, as mesmas limitações. Neste momento, o discurso parece universal, *só Deus pra nos ajudar*, sendo essa uma das frases mais ouvidas e mais pronunciadas no meio das detentas. Deus é algo evidente para elas, até mesmo entre aquelas que não se dispõem a participarem das celebrações religiosas. Por que apesar de não se denominarem religiosas, não frequentarem as celebrações, não manterem posturas religiosas diferenciadas, trazem em seu discurso alusões a um Deus

³⁷Referência bíblica encontrada no livro de João 1:14.

que acreditam ser pai de todos e não fazer distinção de pessoas. É o que fica claro na fala de Márcia, 23 anos:

Eu não gosto de ir à missa, eu acho muito chato ficar repetindo aquelas coisas que o padre fala, mas também não nasci pra ser crente. Eu gosto de dançar, de beber, de clube, da Ponte Preta³⁸ (abre espaço para sorrisos). Aí quer dizer que Deus não me ama porque eu não vou pra igreja? Ele sabe quem eu sou, não vou fingir pra agradar ninguém (Márcia, 23 anos).

Se para Márcia, Deus é aquele que ama apesar das circunstâncias que a pessoa se encontra, para Simone, 19 anos, Deus é aquele que repreende e castiga de acordo com as obras de cada um:

Eu sei que tenho que ir pra uma igreja e viver certinho, porque Deus não vai querer conversa com uma pessoa errada que nem eu. Se eu vivesse certinho, não pegasse *dólar*³⁹, Ele não ia deixar eu ter parado aqui. Isso é castigo pra *mim* aprender, mas eu é que não presto porque sei disso e continuo pegando.

São depoimentos que se divergem, mas que mostram outra face da moeda, apesar de não frequentarem nenhuma religião, ambas têm suas visões particulares de um mesmo Deus, que ora repreende, ora acalenta. Devo ressaltar que para essas mulheres Deus é a representação de um ser onisciente, que almeja abrigar-se no coração daqueles que se dispuser a conceder-lhe morada, no entanto, essas mulheres sentem-se intimamente sujas, interiormente bagunçadas e não dignas de recebê-lo em seus corações.

3.3 Quebrando o estigma de marginal

Como temos tratado durante todo o texto, a pena de prisão traz consigo um conjunto de elementos de coerção exercida tanto de forma psicológica como física. Os detentos são considerados pela sociedade excludente como marginais, bandidos, seres desumanos sem condições de ressocialização. A justificativa para este frágil reconhecimento vai desde a falta

³⁸Ponte Preta é uma casa de show situada no bairro de Mandacaru no município de João Pessoa.

³⁹Dólar é uma expressão utilizada para caracterizar o cigarro de maconha.

de recursos até o fato de a pobreza, a violência e a segurança terem sido secundarizadas e “amenizadas” pela repressão policial (civil e militar) (IAMAMOTO, 1998 *apud*, GUINDANI, 2001).

Agora, a prisão é o lugar dos considerados marginais delinquentes e por este estereótipo o indivíduo precisa acertar suas contas com a sociedade cumprindo as penas pré-estabelecidas para o tipo de crime que cometeu.

Rotuladas como marginais as detentas buscam na religião uma forma de intervir e mudar esse estigma uma vez que, sendo libertas, necessitarão de apoio da própria sociedade que as subjugou.

No âmbito religioso a questão ainda vai além, pois as detentas buscam em Deus aquilo que elas sozinhas não puderam alcançar. Elas precisam do auxílio espiritual, do bálsamo celeste para as feridas que se formaram em suas almas. Precisam dos braços de um Pai amoroso e cuidadoso, precisam se sentir amadas, iguais, humanas. Esse auxílio lhes é apresentado pelos grupos religiosos que frequentam a prisão na figura de um Deus que cura, liberta e transforma a vida daqueles que se entregam a Ele.

Cansadas de serem vistas como seres de alta periculosidade, buscam na religião, na espiritualidade um caminho para se afirmarem humanas. Como uma busca constante tentam encontrar nessa relação com Deus uma intimidade profunda, na tentativa de resgatar dentro delas mesmas a esperança e a fé num futuro promissor. Suas irmãs de cela, a nova família constituída por trás dos muros prisionais ajuda-as a reconstruírem os conceitos de família, pois estão submetidas às mesmas provas, e encontram-se juntas no mesmo barco.

A felicidade é uma esperança, mas não uma certeza. O barco que se encontram está deteriorado, seus sentimentos mutilados, o mar que navegam é o das lágrimas sofridas que escorrem pelo rosto, e a única esperança é que o Mestre acorde e venha ao seu socorro, como diz a letra do hino citado no segundo capítulo dessa dissertação.

A vida no confinamento não tem encantos, cercada por muros estruturais e cercada por muros psicológicos, as detentas necessitam apegar-se àquilo que porventura possa devolver-lhes a esperança. As católicas apegam-se a seus santos protetores, exibem terços e professam sua fé através das rezas e penitências, apesar de não ser muito comum a prática de “rezar o terço”, as que o fazem colocam nele suas expectativas de auxílio e socorro na hora da angústia. As evangélicas apegam-se ao discurso do Deus libertador, das orações e súplicas em clamor, e as demais detentas apegam-se as suas diversificadas religiosidades sejam de origem cristã ou não. Notei que uma das detentas tem rituais alimentícios específicos a “povos de

santo”, onde em determinados dias da semana se restringe a comer determinados alimentos, no entanto se questionada sobre sua profissão de fé, ela se autodenomina cristã.

Diferentes ou semelhantes, o que se pode nitidamente perceber, é que essas mulheres trazem arraigadas em si uma espiritualidade incomum a quem está liberto. A intensidade dos sentimentos e sensações se acentua na prisão e a religiosidade aflora como forma de afirmação da ligação entre elas e outro plano espiritual.

As detentas que experimentaram no cárcere a espiritualidade, no sentido mais profundo da palavra, buscarão no seu Deus a força, agora não apenas para suportar o cárcere, mas para enfrentar a sociedade que as discrimina e não oferece oportunidades de reabilitação.

A maioria das que vive a experiência da espiritualidade no cárcere espera que quando saia da prisão sejam vistas além de suas aparências, sejam reconhecidas não como delinquentes, mas como filhas de Deus transformadas pelo amor do pai. Esse Deus devolveu-lhes vida nesta vida e é isso que elas pretendem demonstrar quando libertas.

No entanto, algumas delas temem a volta ao convívio social, temem serem vítimas novamente da injustiça social e apelam a Deus que as tome nos seus braços e lhes dê forças para não cair no erro novamente. Rogam a Deus que as acolha assim como fez com a prostituta, com o ladrão na cruz⁴⁰. Deus é pai⁴¹, e como todo bom pai, se preocupa com o filho que está doente, perdido nos galanteios do mundo e nas utopias de uma vida desregrada. Esse é, ao menos, o discurso comum percebido.

É comum entre elas os nomes de outros detentos e detentas que ao saírem do cárcere puderam renovar suas vidas através da experiência vivenciada com Deus. Um dos nomes mais comuns é o de Alex, ele está em liberdade condicional e foi preso por desvio de verba pública. Passou cinco anos na prisão. Mas, foi na prisão que ele conheceu a Jesus e reescreveu sua história. Hoje, ele é cantor evangélico, está se formando em Teologia e pretende ser pastor. Alex, para elas, é um exemplo de que é possível voltar ao convívio social e ser reconhecido como ser humano e não como marginal. Outro exemplo é Conceição, ex-detenta que cumpriu pena por porte de arma e tráfico de drogas e que agora é missionária, pregando a palavra do Deus que a libertou por todos os lugares.

⁴⁰Textos bíblicos encontrados respectivamente no livro de João 8:7 e Mateus 27:38.

⁴¹Texto bíblico encontrado no livro de Efésios 4:6.

3.4 O que fazer então com a tão sonhada liberdade?

Uma vez livres, algumas não sabem o que fazer com a tão esperada liberdade. Uma resposta pode ser: agradecer a Deus e seguir seu caminho. Mas, qual será agora o seu caminho? A quem recorrer? São tantos questionamentos feitos pelas detentas que as expectativas quanto à vida de libertas e as incertezas do futuro pós-prisão aliam-se a vontade de se sentirem livres novamente.

Pretendem se redimir, reconstruir sua vida pautada agora em outros padrões, pretendem rasgar os rótulos, romper as barreiras que as separam e as colocam as margens da sociedade. Fazem planos, sonham, resgatam na alma o sorriso tímido de um fio de esperança. Tudo que desejam é ser feliz, viver sem se sentir inferiorizada e discriminada pela sociedade.

Querem ir além das expectativas, darem a volta por cima. Abandonar o barquinho deteriorado e caminhar em terra firme, se sentindo segura. Querem o agir de Deus em sua vida, a transformação espiritual, a mão que as segura firmemente e não as deixa cair. Alegam que precisam de uma chance para demonstrar a mudança operada por Deus em suas vidas.

Suas intenções e propósitos estão apenas simplificados em minhas palavras. As grades que as separam do mundo social são feitas para além de materiais específicos como o ferro, são feitas de impasses, medos, traumas, incertezas, angústias, dores e sofrimentos. Essas grades não foram construídas por ferreiros simplesmente, foram construídas pelas desigualdades sociais, pela ausência da família, pelo descaso do Estado. As decepções são as mais seguras trancas dessas grades. A liberdade para elas não representa apenas sair do presídio, mas quebrar todas as amarras e romper com todos os preconceitos que as mantiveram lá dentro.

Romper barreiras, vencer preconceitos, reafirmar-se socialmente, recomeçar. São propósitos que comumente ouve-se das vozes das prisioneiras, expectativas fundem-se com medo, esperança confunde-se com apreensão, sonhos esbarram em realidades. À volta ao convívio social talvez cause uma diversidade maior de sentimentos que a própria prisão. A liberdade tão sonhada cria expectativas por vezes sombrias e inesperadas. Confirmamos isso na voz de Pretinha, 34 anos de idade e reincidente por furtos.

Eu não quero sair daqui. Já vim oito vezes com essa. A rua não aceita a gente que já foi preso. A primeira vez que saí daqui eu pensei que ia mudar, mas mudou nada! Todo mundo ficava olhando pra “eu” como se tivesse

medo d'eu. Eu procurei casa de família pra trabalhar, lavagem de roupa, fui até numa igreja, mas ninguém me ajudou. Aí eu fiz de novo e voltei pra cá. (interpelada por mim, foi feita a pergunta: o que você fez?) Eu roubei! Aqui é muito melhor que lá fora! (Pretinha, 34 anos).

Se para umas a liberdade é sonhada, para outras ela é temida. À volta ao convívio social e a incerteza do futuro causa sentimentos mistos entre as detentas. No entanto, uma coisa pode se perceber; entre as detentas que se consideram religiosas, a expectativa de aceitação social é muito maior e a certeza de serem aceitas e reincorporadas à sociedade é nítida em suas exposições verbais.

CONSIDERAÇÕES

“A mulher é uma substância tal, que, por mais que a estudes, sempre encontrarás nela alguma coisa totalmente nova”, Leon Tolstói, autor da frase antes citada, homem do direito e das letras tornou-se pouco a pouco um cristão evangélico, uma espécie de apóstolo, pregando para os seus. Ao renegar a religião ortodoxa, acabou excomungado pela Igreja, no entanto resumiu em poucas palavras a genialidade da alma feminina. O cárcere pode privar as mulheres do convívio social, mas não as priva da feminilidade que envolve sua alma. Estudá-las sempre será um desafio, e eu como mulher, propus-me a fazer essa pesquisa.

A curiosidade ousada em investigar lugares marginalizados pela sociedade, e inclusive pelo mundo acadêmico, impulsionou-me a buscar o desvelamento crítico da realidade carcerária em que vivem as mulheres condenadas pela justiça, e os aspectos que envolvem a religiosidade nos presídios. Para mais além do encarceramento, essas mulheres estão a necessitar de tratamento, cuidado, atenção, compaixão. Seus rostos e corpos possuem marcas inerentes à prisão. São marcas da revolta, da dor, do sofrimento. As mais profundas delas são imperceptíveis aos olhos humanos, são marcas na alma, feridas que insistem em não cicatrizar. A entrada na criminalidade, muitas vezes não deixa possibilidades de volta. A jovem Regina sabe bem disso:

Sei que eu não vou viver muito não. Os “home” quando eu sair vão atrás de mim, eu fiquei devendo droga e nesse mundo ou você paga com dinheiro ou com a vida. Enquanto eu to aqui, tá bom, mas no dia que eu sair eu vou passar em Samuka⁴² morta.

No cotidiano de todas essas mulheres, mágoa, dores físicas e emocionais, revolta, ansiedade. Entre os relatos tristes de suas histórias, sorrisos tímidos e curtos, lágrimas caladas e sofridas. Todas elas aguardam com sofreguidão o passar dos dias, dos meses, dos anos... a morosidade dos seus processos, a incerteza de suas condenações (já que muitas das mulheres que se encontram encarceradas aguardam julgamento), a ausência da família, dos filhos, dos amores são agravantes para a angústia que invade aquele lugar. A história de vida que as levou a tal ponto parece fundir-se com as das demais detentas, vítimas da desestruturação

⁴²Regina refere-se à Samuka Duarte apresentador de um programa policial local chamado Correio Verdade.

familiar, da rua, do tráfico, vítimas da própria vida. As grades aprisionam para além do corpo, mantém presos os sonhos, a esperança, a confiança nas demais pessoas que compartilham daquele lugar.

Para chegar ao objetivo desta pesquisa que era verificar o envolvimento religioso das prisioneiras observando suas atitudes diante à religião e também investigar como se dá a adesão das detentas às suas doutrinas, ritos e discursos, necessitei transpor obstáculos ora epistemológicos, ora físicos, ora judiciais. Ao transpô-los, verifiquei que a religião que atua no cárcere busca levar àquelas mulheres o conforto espiritual de que Deus cuida da estada delas no presídio, que só o amor Dele pode ajudá-las a suportar a dor e os limites que o cárcere impõe, e que fora Dele não há salvação. A evangelização busca regenerar a vida de mulheres que enveredaram pelo caminho do crime mostrando-as que apesar do erro, há o perdão e uma nova chance de reconstrução.

Os grupos religiosos que ali atuam buscam, de forma geral, amenizar o sofrimento provocado pelo confinamento com palavras de amor, paz e com apelos através de orações e súplicas pelo auxílio divino. Para muitas delas, eles são a sua família mais presente, a que visita, a que supre suas necessidades, a que acompanha os intrincados trâmites judiciais de seus processos, a que escuta, a que ama. Exercem funções diversificadas sendo todas elas de extrema importância para as detentas. Para umas detentas a religião traz de volta a esperança na promoção da ressocialização e reintegração social com dignidade, para outras exerce função instrumental sendo utilizada de forma racional para obtenção de benefícios.

Apesar de não ter como negar que a religião exerce papel de fundamental importância na vida daquelas que se entregam verdadeiramente a ela e que a conversão religiosa pode operar mudanças significativas na conduta e na identidade de cada detenta, não posso atribuir tais “milagres” às entidades religiosas. Elas apontam através de seus discursos uma nova trajetória a seguir, trajetória essa que poderá ser pintada com as cores que elas escolherem, mas a escolha continua sendo delas.

Dentro do presídio eu poderia dividir as detentas em grupos distintos; as que frequentam os grupos religiosos e as que não os frequentam. No grupo que frequenta as atividades religiosas, a religião é refúgio e a Bíblia funciona como amuleto contra os males impostos pelo cárcere. Entre as que frequentam existem as que dizem ter tido uma conversão religiosa real e aquelas que participam das reuniões da religião por falta de algo mais interessante para fazer, visando sobretudo, vantagens e benefícios pessoais.

Para os administradores carcerários a prática religiosa no presídio é vista como funcional e parceira uma vez que suas adeptas dão menos trabalho em termos disciplinares e assumem condutas mais pacificadoras entre as demais detentas.

Converter-se dentro do presídio, parece-me, tem características inerentes ao ambiente. Tudo lá dentro é mais intenso, as sensações, emoções, o medo e a angústia. A religião também assume essa intensidade. Por terem sido presas, suas visões de mundo estão profundamente afetadas pela experiência da prisão.

A sinceridade da conversão utiliza-se da palavra de Deus como “bálsamo”, um alívio ao sofrimento. A espiritualidade expressada por elas é incomum a quem está liberto, vivem a religião com mais intensidade, expressam nos seus discursos uma fé capaz de superar qualquer obstáculo e a confiança no Deus que as libertou é que as mantém encorajadas a seguir adiante. A liberdade tão ansiada por todas assume o papel de libertação, sendo a detenção objeto de provação que visa o aperfeiçoamento espiritual e pessoal necessário para remissão dos seus pecados.

A experiência do sofrimento, do confinamento, das limitações parece buscar no íntimo de cada detenta convertida uma estruturação positiva, uma força interna capaz de superar os obstáculos que o cárcere impõe. Para essas detentas o cárcere é visto como consequência do pecado cometido. Para as não religiosas, no entanto, a prisão deve ser encarada como uma realidade mais fatal, mais voraz, e o crime é um motivo ou justificativa para renunciar a fé, pois são conscientes do erro cometido e acreditam que para seus atos não há justificativa ou perdão celestial. Desdenham da existência de Deus e se auto afirmam “filhas do mal”, conforme depoimento de Rúbia 23 anos, detida por dano ao patrimônio público.

Deus lá existe! Se Ele existisse não tinha tanta gente passando fome e morrendo na bala. Ninguém venha me dizer que Deus é bom, que Ele é isso ou aquilo, porque eu não acredito. As meninas aqui ficam dizendo que são filhas de Deus, então se elas são filhas de Deus, eu sou filha do mal! Eu sou errada mesmo e assumo.

Diferentemente das não religiosas, a detenta que assume uma postura religiosa no cárcere possui uma imagem caleidoscópica, constituída por imagens diferenciadas de acordo com os seus próprios olhares, pois se vê por muitas vezes dividida entre ser mulher, condenada criminalmente, e religiosa. Por consequência dessa imagem, a intensidade de suas ações religiosas se acentua, talvez na busca de fazer com que a imagem religiosa se sobressaia das demais ora refletidas.

Durante a pesquisa realizada percebi também o desejo de mudança, de entregar-se a =- , de ser aceita, de libertação. A crença que a religião pode atuar de forma positiva para suas vidas dentro da prisão, e posteriormente, na vida de liberto é muito intensa entre aquelas que freqüentam os cultos religiosos.

De tudo que foi intensamente vivido durante o tempo de realização dessa pesquisa ficaram exemplos de vidas e de sonhos que foram impedidos de serem sonhados. As detentas ensinam sobre “outra vida”, a vida dos delinquentes, dos marginalizados socialmente, elas falam de um mundo chocante para quem está “de fora” dos muros prisionais. Algumas delas não conhecem sequer as primeiras letras, mas tornaram-se mestras da exclusão revirando pelo avesso os conceitos acadêmicos e teóricos que nos acompanha cotidianamente. A fé que impulsiona a vida de algumas delas é tão intensa quanto o próprio desejo de liberdade.

Apesar de não poder fechar os olhos para o grande número de prisioneiras que se comprazem no estilo de vida contraventora, afirmando que a passagem pelo instituto penal nada mudará nas suas condutas, observamos que algumas delas já acreditam-se transformadas pela fé e pelo auxílio que a religião tem lhes dado no cárcere, atribuindo a ela a missão de restituir-lhes a verdadeira condição de cidadãs que nunca deixaram de ser, mas que é constantemente ameaçada pelo preconceito e pela indiferença da sociedade.

Ainda há muito a ser investigado nos porões da sociedade, a prisão é um campo rico de experiências de vida e de abandonos sejam eles por parte da família ou da sociedade. Dentro dos inúmeros presídios existentes, há vidas que anseiam por socorro, há vozes que necessitam ser ouvidas e sentimentos que não podem silenciar. Não queremos aqui, parafraseando Laura Frade, fazer apologia ao mundo do crime, ao marginal, ou desconhecer os níveis de periculosidade deles. Mas não somos culpados, em parte, dos desvios sociais que levam homens e mulheres ao cárcere?

Na inquietação desses questionamentos finalizo com uma frase de Rubem Alves, escrita no livro *O que é religião?*

Sonhos são as religiões dos que dormem.

Religiões são os sonhos dos que estão acordados. (ALVES, 2002, p.71).

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem A. **O que é religião?** São Paulo: Edições Loyola, 2002.

BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico:** contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BETTO, Frei; BOFF, Leonardo. **Mística e espiritualidade.** 6ª edição. Rio de Janeiro. Garamond, 2005.

BÍBLIA. Português. **A Bíblia Sagrada.** Tradução de João Ferreira de Almeida. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

BIONDI, Karina. **Junto e misturado:** imanência e transcendência no PCC. São Carlos: UFSCar, 2009.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas.** 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

BRASIL. Lei 7.210/84, de 11 de julho de 1984. Institui a Lei de Execução Penal. Obra coletiva de autoria da Editora Saraiva com a colaboração de Antonio Luiz de Toledo Pinto, Márcia Cristina Vaz dos Santos Windt, Livia Céspedes. – 15ª Ed. – São Paulo: Saraiva, 2002. (Legislação brasileira).

_____. Constituição da República Federativa do Brasil/ obra coletiva de autoria da Editora Saraiva com a colaboração de Antonio Luiz de Toledo Pinto, Márcia Cristina Vaz dos Santos Windt, Livia Céspedes. – 35ª Ed. – São Paulo: Saraiva, 2005. (Legislação brasileira).

DIAS, Camila Caldeira Nunes. Prática religiosa na prisão: tensões e ambigüidades. **Revista Transdisciplinar de Ciências Penitenciárias**, 4(1): 153-176, Jan.-Dez./2005.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa.** Trad. Lígia M. Pondré Vassallo. 4ª edição. São Paulo, Editora Vozes, 1986.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão.. Trad. Lígia M. Pondré Vassallo. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

FRADE, Laura. **Pobreza política e marginalidade**. Disponível em: www.unieuro.edu.br/downloads_2005/hegemonia_02_05.pdf

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos**: introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil – 2. Decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano. 11ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

GIRARD, R. **A violência e o sagrado**.. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

GRUN, Anselm. **Amadurecimento espiritual e humano na vida religiosa** / Anselm Grun, Christiane Sartorius, [tradução Mônica Ottermann]. São Paulo. Paulinas, 2006 – (Coleção Viver Melhor).

GUINDANI, Miriam Krenzinger A. Tratamento penal: a dialética do instituído e do instituinte. In: **Serviço Social e sociedade**. Nº 67. Ano XXII. Temas sociojurídicos. Editora Cortez, 2001.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectivas, 1974.

HOCK, Klaus. **Introdução à Ciência da Religião**. Tradução de Mônica Ottermann. São Paulo, Edições Loyola, 2010.

HUMAN RIGHTS WATCH. O Brasil atrás das grades. Relatório de pesquisas e intervenções realizadas pela ONG nos presídios brasileiros. Disponível em <http://www.hrw.org/portuguese/reports/presos>. Acesso em 04/11/2006, às 12h.

MACEDO, Natalia. **Sistema Penitenciário**. Disponível em: www.ipcluizflaviogomes.com.br

MAGALHÃES, Cândida Moreira. Contravenção, crime e relação de gênero. **Serviço Social e sociedade**. Nº 67. Ano XXII. Especial 2001. Cortez Editora.

MATTA, Roberto da. O ofício de Etnólogo, ou como ter “Anthropological Blues” IN. NUNES, E. O. **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar.

OLIVEIRA, XAVIER. Anaíze Anália e Wilson José Félix. A educação na prisão: Ser mulher... e presidiária... (Monografia apresentada como requisito para conclusão de curso superior em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba – Novembro-2006)

PERROT. Michelle. **Os excluídos da história**: operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PERRUCCI, Maud Fragoso de Albuquerque. **Mulheres encarceradas**. São Paulo: Ed. Global, 1983 (Teses Direito).

PONCIANO, Júlio Cesar. A dialética da solidão: uma etnografia das cartas da prisão. In **Teoria e Sociedade**. UFMG - Belo Horizonte, n.15.2, julho-dezembro, 2007.

RICHARDSON, Roberto Jarry (ORG). **Exclusão, inclusão e diversidade**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009.

SALLA, Fernando. Rebeliões nas prisões brasileiras. In: **Serviço Social e sociedade**. Nº 67. Ano XXII. Temas sociojurídicos. Editora Cortez, 2001.

SANTOS. C. N. E VOGEL. A. (coord) – Quando a rua vira casa. São Paulo, Projeto, 1985.

SARTI, Cynthia Andersen. **A família como espelho**: um estudo sobre a moral dos pobres. 4ª edição. São Paulo: Cortez, 2007.

STEIN, Ingrid. **Figuras femininas em Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

ANEXOS